ANNO VII N. 316
RIO DE JANEIRO, 16 DE MARÇO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

ARLINE JUDGE

CINEARTE

TOM. KEENE
CINEARTE

DE Buenos Aires escreve-nos o sr. Ezequiel Ubatuba, esforçado trabalhador como sempre, procurando pôr em entendimento os productores brasileiros de Films com exhibidores platinos que andam famintos por producções que lhes refresquem os programmas já que a producção sonora não está ao alcance da maioria. Na Argentina a producção indigena é ainda como entre nós escassa e soffre além disso da má vontade dos exhibidores. Bem dizia Saenz Peña — Tudo nos une...

Já tivemos occasião de ver em nossas telas Films argentinos, um delles por signal bem interessante.

Ahi está mais um intercambio possivel entre nós.

Apostariamos que os Films brasileiros seriam na Argentina apreciados como aqui os argentinos. Ahi fica pois o aviso aos nossos productores. Quem desejar entrar em negocios com os exhibidores argentinos dirija-se áquelle nosso patricio, Consulado Brasileiro, Buenos Aires.

Com a sahida do dr. Baptista Luzardo da chefia de policia do Districto Federal é de prever que a sua projectada reforma do apparelhamento policial não tenha seguimento.

O tempo, aliás consumido nos estudos dessa reforma, presente ao chefe do governo vae para mais de quatro mezes e ainda por decidir, estava a indicar que haviam sido encontradas para a sua execução serias difficuldades.

Se assim era de facto pode-se conjecturar que seja agora posta inteiramente de parte.

O novo chefe de policia terá naturalmente outras idéas; projectará por isso mesmo outra reforma.

Só uma cousa directamente nos interessava no projecto em estudos da lavra do ex-chefe de policia: a censura cinematographica, que essa não soffrera reforma nem uma, era mantida como até aqui, isto é. um apparelhamento defeituoso, sem efficiencia, que não corresponde absolutamente ás necessidades do serviço, um mero pretexto para garntir vencimentos avultados a um certo numero de pessoas que podem ter todas as qualidades de intelligencia e de moralidade mas, justamente pelos defeitos do apparelhamento, ficam inhibidas de utilisal-as em beneficio da collectividade.

Não vale a pena volvermos á critica que daqui temos feito dessa censura absolutamente inutil; todos os dias essa critica mais se justifica. Basta recorrer aos programmas dos Cinemas e ver como impunemente, á sombra do laudo policial, se corrompem as intelligencias infantis, se incutem no espirito das creanças brasileiras noções que mais tarde poderão ter os mais desastrosos effeitos.

E' de hontem a campanha Mello Mattos contra essas programmações de cinemas accessiveis a creanças de todas as edades.

A' mingua de leis que dessem força á sua benemerita intervenção teve o Juiz de Menores que parar sua campanha benemerita.

Por que?

A razão principal nos argumentos dos que se insurgiam contra a intervenção judiciaria nos assumptos era de que o apparelhamento censorial já proferira o seu "veredictum"

Nada obstava que as creanças assistissem á exhibição de scenas de Films muitos delles merecedores da classificação de "Proprio só para homens"

E assim mesmo homens que gostassem de Films pruriginosos.

Por esses motivos é que sempre nos batemos pela instituição de um apparelhamento de censura longe do ambito policial, que exercesse a sua influencia sobre todo o paiz, condemnando o Film julgado nocivo logo ao ser despachado nas Alfandegas e coagindo a sua reexportação, como droga suspeita que não deve ter entrada no paiz.

Acreditamos, e tudo nos induz a essa crença que a reforma policial passará a ter o longo somno do esquecimento nas gavetas do palacio do Cattete.

E a questão da censura Cinematographica, liberta desse peso, poderá ser encarada de novo como até pouco, com o carinho que merece e resolvida sem a preoccupação de cargos para este ou aquelle amigo.

E' isto o que esperam todos quantos se interessam de verdade pela moralisação de um genero de espectaculos que por sua natureza tanto pode ser util quanto nocivo, hoje mais nocivo que util á mingua do apparelhamento censorial.

Tallulah, Bankhead, é nossa velha conhecida. Tinha desapparecido. Voltou agora com sensação. Marlene é allemã. Greta Garbo é sueca. Mas Tallulah é americana mesmo... Mas é favor não fazer comparações.

Na festa de anniversario e de Anno Novo na casa de Marion Davies. Norma Shearer, seu marido Irving Thalberg e Constance Bennett. Joan Crawford, Karen Morley e Robert Brahm.

Associação Cinematographica de Productores Brasileiros

JA' ninguem desconhece a fundação da "Associação Cinematographica de Productores Brasileiros." E' mais uma campanha victoriosa de "Cinearte"

A sua directoria é a seguinte:

Presidente, Dr. Armando Carijó; vice-Presidente, Adhemar Gonzaga; Secretario, Eurico de Oliveira; Thesoureiro, Alberto Botelho; Conselho Fiscal: — João Stamato, F. Moniz e Luis Leal.

A sua séde provisoria é a rua da Lapa, 95.

Della já fazem parte a maioria dos elementos que se dedicam ao Cinema Brasileiro em todo o paiz.

Uma commissão da Associação, já foi recebida em Petropolis pelo Chefe do Governo Provisorio, para tratar de interesses geraes do nosso Cinema e agradecer ao Dr. Getulio Vargas pela attenção extraordinaria que deu a nossa industria quando recebeu a commissão de importadores de Films estrangeiros, conforme "Cinearte" já teve a occasião de tratar. A Associação Cinematographica de Productores Brasileiros tem um programma vasto a cumprir e muito, na verdade, poderá fazer pelos interesses da nossa industria se mantiver a cordialidade e a união reinante. Agora, vamos publicar, em primeira mão aliás, os seus estatutos:

Artigo 1.° — Fica fundada com domicilio nesta cidade do Rio de Janeiro e séde provisoria á rua da Lapa n.° 95, uma sociedade civil, sob a denominação de "ASSOCIAÇÃO CINEMATOGRAPHICA DE PRODUCTORES BRASILEIROS".

Artigo 2.° — São fins sociaes: a) — congregar em seus quadros todos quantos directa ou indirectamente se interessarem pelo Cinema Brasileiro; b) — defender os interesses do Cinema Brasileiro, onde quer que elles se encontrem, propugnando medidas que o amparam e conduzam as suas altas finalidades sociaes no meio Brasileiro; c) — defender os interesses da classe dos productores, proporcionando-lhes melhor ambiente de realizações e maiores garantias economicas para a sua existencia; d) — syndicalizar-se, para gosando das vantagens do Decreto n.° 19.770, de 19 de Março de 1931, melhor defender os interesses da classe.

Artigo 3.° — Haverá cinco classes de socios a saber: CLASSE A — PRODUCTORES, que serão todos aquelles que sejam donos ou socios de empresas productoras organizadas e ainda aquelles que tenham editado e exhibido pelo menos dois Films de enredo; CLASSE B —EFFECTIVOS, que serão todos quantos não incluidos na Classe "A", exercerem profissões nas fabricas Cinematographicas nacionaes, como empregados, operarios ou artistas; CLASSE C — SYMPATHISANTES, que serão todos que sympathicos as finalidades sociaes e não incluiveis nas Classes "A" e "B", sejam admittidos socios; CLASSE D — HONORARIOS, que serão todos que pela eminencia de sua posição social forem homenageados com esse titulo pela Assembléa Geral; CLASSE E — BENEMERITOS, que serão todos quantos por serviços relevantes prestados á classe ou á Cinematographia em geral, á juizo da Assembléa Geral, forem por ella proclamados.

Paragr. 1.° — São considerados fundadores os socios que se inscreverem até a data da approvação dos presentes estatutos.

Artigo 4.° — Sómente os socios da Classe "A" têm o direito de votar e serem votados. Os socios da Classe "B" têm apenas o direito de votar.

Paragr. 1.° — Aos socios das demais classes é facultado o direito de apresentação e discussão de propostas á Assembléa Geral, quando reunida.

Artigo 5.° — Os socios serão admittidos por proposta de qualquer já associado, apresentada a Directoria que feita a necessaria syndicancia, admittil-os-á ou não na classe para que forem propostos.

Artigo 6.° — Os socios da Classe "A" contribuirão com a mensalidade de Rs....... 25$000 e os das Classes "B" e "C" com as de Rs. 5$000.

Paragr. 1.° — Os socios que não satisfizerem as mensalidades de sua classe durante 3 mezes consecutivos poderão ser eliminados do quadro social por acto da directoria.

Paragr. 2.° — Serão considerados remidos os socios de qualquer das classes contribuintes que entrarem para os cofres sociaes, de uma só vez, com uma importancia igual a 100 vezes a mensalidade da classe a que pertencerem.

Paragr. 3.° — Serao considerados presidentes de honra da Sociedade os chefes do Governo Brasileiro durante os seus respectivos mandatos.

Artigo 7.° — A Sociedade será administrada por uma Directoria composta de: um Presidente, um vice-Presidente, um Thesoureiro, um Secretario, um Procurador e por um Conselho Fiscal de tres membros.

Artigo 8.° — Tanto a Directoria como o Conselho Fiscal serão eleitos por maioria absoluta de votos em Assembléa Geral especialmente convocada para esse fim.

Artigo 9.° — O mandato será de 2 annos sendo permittida a re-eleição.

Artigo 10.° — Compete á Directoria collectivamente: 1.° — Defender e propugnar pelos fins sociaes; 2.° — Resolver sobre a admissão, suspensão, renuncia, demissão, eliminação e expulsão de socios com recurso voluntario para a Assembléa Geral; 3.° — Administrar o patrimonio-social; 4.° — Apresentar a Assembléa Geral relatorio e balancete de gestão; 5.° — Nomear representantes nos Estados preferindo sempre os associados; 6.° — Organizar o seu regimento interno.

Artigo 11.° — As deliberações da Directoria serão tomadas em sessões a que compareçam pelo menos 3 Directores e por maioria de votos presentes.

Artigo 12.° — Compete ao Presidente: a) — Representar a Sociedade em juizo ou fóra delle; b) — designar os substitutos dos directores em caso de impedimento; c) — presidir as reuniões da Directoria; d) — convocar as Assembléas Geraes permittidas nestes estatutos; e) — assignar com o Thesoureiro e em nome da Sociedade todos os actos contenciosos necessarios á gestão social.

Artigo 13.° — Compete ao vice-Presidente substituir o Presidente em suas faltas ou impedimentos.

Artigo 14.° — Compete ao Thesoureiro tudo quanto se relacione com a Contabilidade Social, assignando com o Presidente os actos contenciosos da gestão.

Artigo 15.° — Compete ao Secretario a administração da Secretaria e a substituição do vice-Presidente quando impedido.

Artigo 16.° — Compete ao Procurador, auxiliar os demais directores e substituir o Secretario ou o Thesoureiro em seus impedimentos.

Artigo 17.° — Compete ao Conselho Fiscal: a) — examinar e dar parecer sobre o relatorio e balanço da Directoria a ser apresentado á Assembléa Geral; b) — dar substituto a qualquer dos seus membros por motivo de impedimento ou renuncia.

Artigo 18.° — A Assembléa Geral reunir-se-á ordinariamente para apresentação de relatorio e prestação de contas da Directoria, uma vez por anno, precedendo convocação que será annunciada com 5 dias de antecedencia.

Paragr. 1.° — Poderá entretanto ser convocada extraordinariamente, pela Directoria, ou por petição de, pelo menos, 10 socios quites, das Classes "A" e "B". dirigida ao Presidente e por este deferida, declarando-se os motivos da Convocação e com antecedencia de 5 dias do annuncio da Convocação.

Artigo 19.° — A Assembléa Geral é orgão soberano da Sociedade; suas resoluções, salvo illegaes, obrigam compulsoriamente.

Artigo 20.° — Só a Assembléa Geral poderá resolver sobre a extincção da Sociedade e destino do seu patrimonio.

Artigo 21.° — As Assembléa Geraes, quer ordinarias, quer extraordinarias, serão realizadas, com qualquer numero de socios e convocadas uma só vez.

Artigo 22.° — Os socios em atrazo de mensalidades, não poderão pedir Assembléa Geraes Extraordinarias, votar e serem votados.

Artigo 23.° — Os socios residentes fóra do domicilio social poderão comparecer ás Assembléas Geraes por procurador legalmente constituido para esse fim.

Artigo 24.° — Os socios não responderão, subsidiriamente, pelas obrigações sociaes.

Artigo 25.° — Os presentes Estatutos só poderão ser reformados por Assembléa Geral, especialmente convocada para esse fim, após 1 (um) anno da data de sua approvação.

Artigo 26.° — Os casos omissos nos presentes Estatutos serão resolvidos de accordo com a legislação em vigor.

APPROVADOS EM REUNIÃO PREPARATORIA DE 1.° DE FEVEREIRO DE 1932.

O "Diario de Noticias" desta capital, abriu uma "enquete" para consultar ás mulheres o que pensam sobre a concessão do direito de voto ás mesmas. E foi procurar Lú Marival, uma das louras de "Ganga bruta", da Cinédia, para

---

que esta respondesse o que pensa sobre o assumpto... Isto é mais uma prova da popularidade de que já gozam os nossos artistas e prestigio para o Cinema Brasileiro. Vejamos agora o que falou Lú... "O direito de voto á mulher tem dado bons resultados em toda a parte"

Ella acha, porém, que á eleitora sejam impostas certas condições, como por exemplo, a mesma faça "tests" previos, nos quaes se aferirá a mentalidade politica da candidata... Porque — diz ella — "consentir que a nossa melindrosa vote, é arriscar-se a ridiculos fracassos politicos-sociaes... A eleitora irá procurar votar nos candidatos que recordem o typo de Clark Gable...

O que dizem as nossas leitoras da opinião de Lú?

Em S. Paulo, a "S. A. Cinematographica Paulista" que já produziu "Carlitomania", com José Vassalo Junior, sob a direcção de Wal. P. Zornig. Film este que o "Alpha-Programma" distribuiu, está filmando agora "A fera da Matta", uma parodia aos Films "A fera do Mar" e "Mobby Dick", com José Vassalo Junior no principal papel. A S. A. Cinematographica Paulista tem todo o nosso apoio e "Cinearte" só deseja que ella prosiga para a frente, auxiliando o desenvolvimento do Cinema Brasileiro, esta causa tão bonita que é ao mesmo tempo uma das maiores necessidades do Brasil.

No dia 16 do corrente a Cinédia completou dois annos de vida. Excusamo-nos de falar sobre a empresa de S. Christovão, porque "Cinearte" vae publicar um longo artigo sobre ella e pelo qual poderão os leitores e "fans" do nosso Cinema verificar o quanto já progrediu o Cinema Brasileiro e o que se poderá esperar da Cinédia.

No Cinema da Cinédia, assistimos a algumas sequencias de "Ganga Bruta", que Humberto Mauro está dirigindo e é a primeira super producção da Cinédia. Nós, de "Cinearte", talvez possamos parecer suspeitos para falar, mas falamos como se fossemos um "fan" extranho, e não podemos deixar de registrar aqui a impressão maravilhosa que nos causou estas scenas de "Ganga Bruta" que já vimos na tela. O Film promette ser o melhor que já apresentamos e apresentará a melhor photographia que já mostrou um Film brasileiro, perfeita em todo o Film, além de inumeras outras qualidades, verdadeiras surprezas para o nosso publico...

No dia 8 do corrente, pelo "Sierra Morena", seguiu para Portugal, Ernani Augusto, figura bem conhecida dos nossos Films.

Ernani Augusto que vae ao Velho Mundo em viagem de negocios e por motivo de saude ao mesmo tempo, pretende voltar o mais breve possivel, para continuar a apparecer nos Films da Cinédia.

"Cinearte" deseja boa viagem e felicidades, ao Ernani que deixou ao nosso cargo os abraços de despedida a todas as suas admiradoras...

Esteve no Rio e visitou o Studio da Cinédia, Laís Reini, o galã do Film "Mysterio do Dominó Negro", da Epica, de S. Paulo, e teve a opportunidade de assistir a projecção de varias sequencias de "Ganga Bruta". A proposito: Laís Reini, já ha bastante tempo mudou o seu nome artistico para Arlindo Fleury. Ficam assim, os nossos "fans" informados".

Tambem fez uma visita a Cinédia, José Cornelio da Fonseca Lima, um elemento do nosso Cinema em Recife, que se tem esforçado para levar o Cinema Pernambucano para a frente. Conversando comnosco, teve occasião de falar-nos sobre os novos esforços que a Aurora está fazendo com a producção de um novo Film e vimos, mais uma vez, o quanto Recife tem procurado fazer para incrementar a producção do nosso Cinema.

Recebemos uma carta de Almeida Fleming, em que este conhecido director e productor mineiro, pede a "Cinearte" que não publique mais noticias a seu respeito, recebidas de outras fontes que não as delle proprio. Refere-se aquella que publicamos, ha tempos, sobre a morte de Octavio de Paiva e tambem sobre a da venda da mobilia, que mais uma vez veiu á baila, no discurso de Carmen Santos, na Convenção.

Não nos recordámos quem nos informou sobre a primeira noticia e quanto ao caso da mobilia foi uma lenda que se formou em torno das difficuldades com que o director de "Paulo e Virginia" tem lutado para produzir os seus Films e como julgassemos que isso em nada desabonaria Fleming, aproveitamos para pu-

CARMEN SANTOS, NA SUA ULTIMA "POSE".

GENESIO ARRUDA, O HEROE DE "ACABARAM-SE OS OTARIOS" E "O BABAO"

blicar, tôda a vez tinhamos ensejo de falar sobre os esforços que o mesmo tem dispendido para filmar. . . . .

Mas agora procuraremos verificar a verdade sobre as noticias que recebermos sobre esse nosso Amigo e "Cinearte" espera que realmente, não tenha abandonado o Cinema Brasileiro, agora justamente, quando este já constitue victoria dos esforços de idealistas como Fleming..

Em Recife, a Aurora-Film, pioneira do nosso Cinema naquella capital, parece que vae resurgir mesmo, segundo nos escreve o nosso correspondente ali — Mario Mendonça. Já noticiamos aqui que aquella empresa está filmando "O Valente Brasileiro", que traria a novidade de ser tambem um Film brasileiro em series...

Novidade que aliás não seria novidade... Quem se recorda de "Os Mysterios do Rio de Janeiro" e "Le Film du Diable", que eram seriados...? Agora temos a informar aos nossos leitores que a Aurora desistiu de fazer o Film em série e está fazendo "Rapaz de valor" que já tem uma parte filmada e a esta hora, naturalmente, mais adiantada ainda, estará a filmagem. "Rapaz de valor" tem como estrella Dolores D'Alva. Dustan Maciel é o galã e Fred Junior, Marina Mares, João Mac e outros formam o elenco.

Vamos ouvir agora, o que nos diz Mario Mendonça, de Dolores D'Alva: "Dolores, é realmente, uma figura irradiante e ideal para o Cinema Brasileiro. Ella lembra mesmo Dolores Del Rio e, ao mesmo tempo, Fay Wray... Depois da apresentação, fiz-lhe a primeira pergunta e Dolores como que acostumada as classicas entrevistas, foi me dizendo tudo o que sabia interessar aos "fans". Ahi vae um pouco desta brasileirinha de olhos brejeiros. Nasceu em Bello Jardim (Pernambuco). Prefere os papeis sentimentaes... E' "fan" de Ramon e Dolores Del Rio. Tem muita vontade de conhecer a Cinédia e conhecer os artistas do nosso Cinema. Nunca pisou no palco... Gostaria de trabalhar em Films com ambientes pobres. Não aprecia os de luxo... Seu unico divertimento depois de Cinema é a dansa. Gosta muito de ler historias de Cinema, adora o mar e as praias... E' muito romantica. E, quanto ao Amor... disse que nunca o conheceu, achando ainda, os homens muito voluveis..."

Antigamente o Cinema Brasileiro não tinha publicidade alguma. Depois a gente escre-

Brasileiro

via "Todo o Film Brasileiro deve ser visto"... Hoje o radio é que invade todas as casas para lembrar que o Brasil precisa ter o seu Cinema e esse Cinema merece o nosso apoio. Mas não é só isso — quando é que sonhamos ouvir Lú Marival e Déa Selva? O Cinema Brasileiro tem progredido muito!

Douglas

Harold Lloyd

Chaplin

Greta Garbo

Gloria

William Hart

Nazimova

Marguerite Clark

Valentino

John Gilbert

Mickey Mouse

Os dez preferidos de

Heywood Broun é critico de theatro e autor de varios argumentos, novellas e peças. Elle entrevistou Mary Pickford e foi isto que escreveu, depois.

——oOo——

— Acho que uma *estrella* só é *estrella* quando dá motivos para assim ser chamada, apesar das lutas e, principalmente, depois das provas. Quando todos affirmam que determinada artista cahiu e ella, voltando, consegue de novo o applauso e o enthusiasmo publicos, ahi, sim, e verdadeira *estrella*.

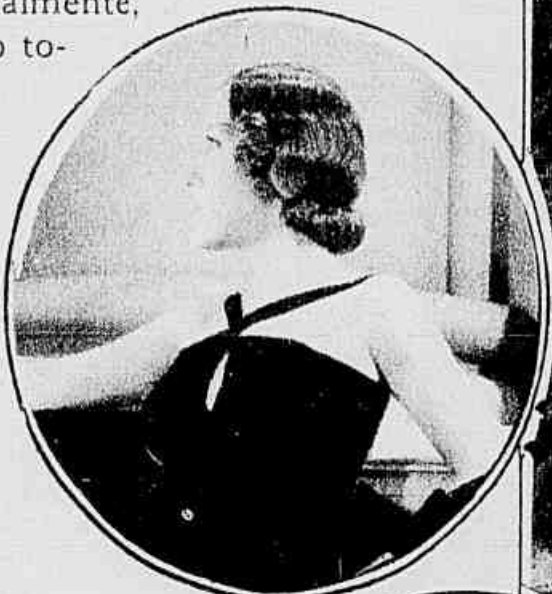
Foi isto que me disse inicialmente Mary Pickford, a *estrella* que, no Cinema, tem uma das posições mais invejaveis da industria. Acho que a razão é sua, sob todos seus aspectos. Essa é realmente a maior *estrella*.

Segundo este seu julgamento, aqui está a lista de nomes de verdadeiras *estrellas* e legitimos *astros* segundo seu juizo.

Charles Chaplin.
Douglas Fairbanks.
Greta Garbo.
Rudolph Valentino.
William Hart.
Marguerite Clark.
Gloria Swanson.
Harold Lloyd
John Gilbert.
Alla Nazimova.
Tambem o Camondongo (Mickey Mouse).

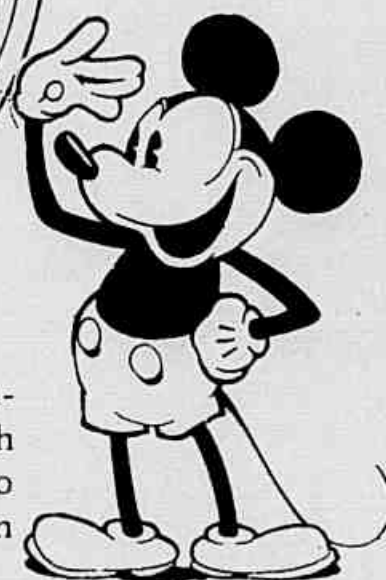
Agora, em fórma de dialogos, continuarei, tirando as notas vivas do que foi stenographado depois da nossa entrevista.

MARY: — Se esta lista fôr para significar exclusivamente habilidade para representar, direi, então, por exemplo, que Harold Lloyd é um maravilhoso productor. Como artista, no emtanto, não o posso por numa classe que tem Carlito e Rudolph Valentino. O Camondongo é um dos maiores successos mundiaes de bilheteria que o Cinema já registrou. Emil Jannings talvez tenha logar na lista. Marguerite Clark, houve tempo, era a favorita indiscutivel de todas as crianças do mundo. Ella me deu varias horas amargas e mantinha-se acima de mim muitos furos, mesmo pela palavra de Mr. Zukor, que isso fazia para me instigar mais á luta. E' logico que eu não considero William Hart um artista.

A mim me pareceu que Bill Hart era tratado com um pouco de severidade por Mary. A impressão que eu tinha é que elle, apesar de sempre representar o mesmo papel, interpretava-o bem. Não me acho entre esses que acham a versatilidade a maxima qualidade de um artista. Lembro-me, como se fosse hoje, que se affirmou, muito, que John Barrymore, nos seus tempos de theatro, quando vivia Ricardo III, Hamleto e outras personagens assim, era, em todos, o mesmo John Barrymore. Esta não é uma falta essencial, no emtanto. Não é, principalmente, se considerarmos que eram admiradores de John Barrymore, principalmente, que isto diziam e, como tal, não deviam dizer.

Hamleto, por exemplo, pode ser muitos homens. Não existe uma representação modelo ou padrão, felizmente. Para mim achava interessante o Hamleto de John Barrymore, principalmente porque eu o via nesse papel.

Uma difficuldade perturbou a mente de Mary. Achou que ella que, para citar os maiores nomes do Cinema, distincções precisavam ser feitas considerando a bilheteria, por um lado e, do outro, meritos artisticos. No Cinema isso não é necessario como no theatro. Por exemplo: — pedi a Mary que citasse alguns artistas que, para ella, apesar de real talento, permaneciam na obscuridade. Ella só se recordou de um nome.

Eu sabia que me precisava prover de toda sorte de notas e respostas para a entrevista que ia ter com a primeira dama dos Films. Consultei amigos e trouxe nomes de varios artistas que lhes agradavam. Não tive que falar muito, no emtanto e nem muita opinião precisei dar. Mary sabe o que diz, no terreno da sua arte. E ella é tanto eloquente quanto articulada e expressiva na expansão dos seus pontos de vista. Não é *enquete* que estou fazendo. Simplesmente confissões de Mary Pickford. Perguntei-lhe sobre Nazimova.

— MARY: — Ella, penso cahe na cathegoria de artista interessante. Ha dois grupos. Artistas brilhantes como Greta Garbo. Fóra da industria, incluindo Jannings e tirando eu mesma, existem cinco grandes personalidades: — Charles Chaplin. Greta Garbo. Emil Jannings. Rudolph Valentino. Não considero William

Hart e Harold Lloyd artistas. Para mim, o artista supremo é Carlito. A sorte de Harold Lloyd na bilheteria é pela apresentação publica delle mesmo. Elle é um productor muito intelligente. E' provavel que algum outro fizesse o mesmo. Buster Keaton, por exemplo. Com os *gags* e rotina precisas, elle seria um serio competidor de Carlito. Elle tem a qualidade pathetica imprescindivel e, alliada a mesma á sua arte, torna-o admiravel. Isto tudo é que falta a Harold Lloyd. O que Keaton nunca teve foi habilidade commercial e de organização. Harold, por seu lado, é um organizado. Elle sabe sentar-se numa mesa, com dez ou doze homens, e trabalhar para conseguir os melhores *gags (piadas)*. Elle sabe o que está direito e o que está torto. Tem coragem de voltar atraz. De destruir o que fez e fazer de novo. Tudo isso elle tem.

— EU: — Agora, o que me diz de alguma *estrella* que não seja notavel, mas que nem por isso não mereça ser commentada. Ruth Chatterton, por exemplo.

MARY: — Não pensei nessa especie de artistas, na verdade. Joan Crawford, por exemplo, é um immenso successo de bilheteria e, ao lado disso, mostra muitas possibilidades. Acho que isto tambem é possivel em relação a Ruth Chatterton e Norma Shearer.

— EU: — Por que será que é mais possivel no Cinema, do que no theatro, alguem brilhar verdadeiramente e, subito, desapparecer das vistas do publico ?

MARY: — Falharam. Não tiveram os adequados papeis. Tambem é possivel que tenham escolhido um mau director. Bons directores são raros. Tão facil é encontrar um mau director como um mau artista. Por exemplo: — Lewis Milestone fez de *Front Page* um successo. Mas é possivel que, mal collocado, elle faça um Film que seja o peor do mundo. Existem directores para homens e mulheres. Quero dizer: — alguns dirigem bem mulheres e, outros, homens. Lubitsch é um director para homens. E' por isso que elle e Jannings se deram tão bem juntos. Griffith foi sempre um director de mulheres. Elle jamais soube conduzir um homem efficientemente. Richard Barthelmess em *Lyrio Partido* foi uma excepção. Bobby Haroon, outra. Mas eu estou falando de grandes casos e em geral. De Mille é um director de mulheres. King Vidor, Clarence Brown, Victor Fleming e Allan Dwan, bons para dirigirem homens. Marshall Neilan é um director para mulheres. Clarence Brown poderá dirigir efficientemente Greta Garbo. Mas não dirigirá bem a mim, por exemplo. O meu officio é que é uma casa de duas sahidas. Tenho que representar. Depois parar. Voltar á producção. Discutir isto e aquillo. Depois voltar a representação...

— EU: — Mas não existem directoras mulheres ?

— MARY: — A luta é grande demais para uma mulher. Acho que a mulher não é physicamente habilitada para este difficil cargo.

— EU: — Acha que a mulher tem menos capacidade de execução ? Existem muitas mulheres directoras, no theatro.

— MARY: — Sim, mas não é tão extenso o trabalho. Trabalhar em Films quer dizer dia e noite. Sob as luzes dos reflectores o mundo não existe. E' frequente um *unit* trabalhar uma semana inteira sem um dia de descanço.

— EU: — E poderiam as mulheres serem directoras tão boas quanto os homens ?

— MARY: — O cerebro feminino, tenho observado em Films, corre mais para o detalhe e exaggera um pouco, neste particular e é por isso que lhe escapa o schema total da cousa. O homem vê tudo como um caso geral. Acho, no emtanto, que uma nota feminina é necessaria á qualquer bom Film. Mas com um homem collaborando com ella.

— EU: — E George Arliss ?

— MARY: — Elle é esplendido e verdadeiro artista. Mas é sobre hombros como os de Carlito e Jannings que se apoia a industria. Por causa de homens como estes é que a industria tem progredido. Estes outros bons artistas têm vindo e feito bons Films, sem duvida Ruth Chatterton, no momento não pertence á classe á qual pertencem Carlito, Douglas. Gloria Swanson não tem sido consistentemente vencedora.

(Termina no proximo numero).

Susan Lenox

(3.º capitulo)

— Vamos mudar de assumpto!

Rodney desfez a interrupção com um gesto de mão.

— Mas não pode perder o restante da historia... Essa mulher, não satisfeita com a destruição da vida de um homem, seguiu a sua sina. Tornou-se o que sempre foi: — uma parasita! O que della ouvi, por ultimo, é que descera tão baixo, mas tão baixo, mesmo, que chegára a acceitar a protecção de um politico sujo e indigno!

O Commissario poz-se em pé, num salto. Susan interferiu.

— Por favôr, Mike!

— E' o bastante.

Elle lhe disse, vibrante. Rodney ergueu-se e encarou seu rival.

— Ella fará de si o que fez de mim. Tratal-o-á como a mim me tratou. Basta que appareça o seguinte homem... Isso, bem sei, magou-me a mim, mas não magoará á si porque sempre foi esta a especie de mulheres com as quaes se tem mettido!

Dirigiu-se á porta, Mike seguindo-o bem proximo

— Quero falar comsigo!

Disse-lhe Mike.

— Nada mais lhe tenho a dizer. Uma cousa, apenas, accrescento. Se fosse mais moço, eu lhe partiria essa cara e a atiraria por cima daquella mesa.

Freedman segurou o amigo pelo braço e a pequena approximou-se delle.

— Rodney!

Exclamou ella, ferida, angustiada. Elle mal fez uma brusca reverencia,

— Passe bem, "senhora" Lenox...

Sahiu do quarto, impetuoso, não sem ver o olhar profundamente pisado que ella volvia para elle. Depois que elle sahiu, foi para seu boudoir. Lá encontrou-a Mike Kelly.

— Não adianta falar nada. Eu o deixo neste momento.

— Então é este o tal do qual você me falou... o primeiro?

Ella respondeu affirmativamente.

— Espera, Susan. Veja bem o caso. Você não o pode seguir, dessa maneira!

E mostrou-se carinhoso.

— E por que não?

— Se você sahir daqui, agora, não volte mais porque a porta estará fechada para você. Entenda bem isso! Esse homem não a quer, entende?

Tinha confiança nos olhos quando o encarou.

— Elle me quer, eu sei! Aquella amargura e aquella brutalidade são apenas a consequencia da brutal ferida que eu lhe abri no peito. Um homem não sabe disso emquanto não ama como elle me ama!

— Mas não deixa de ser uma maneira exquisita...

— Eu não espero que você entenda, Kelly. Eu mesma não comprehendi. Agora é que comprehendo bem este caso. Queria feril-o, humilhal-o como elle me feriu e me humilhou. Disse-lhe que eu o amava e foi por isso que quiz que elle me contemplasse como eu estava, momentos antes.

Mike não fez mais esforço algum para fazel-a raciocinar.

— Susan, sabes para onde caminhas?

— E que differença me faz? Sendo com elle, basta!

Na casa de commodos cujo endereço Freedman lhe déra, quando lá entrou para procurar Rodney, soube que elle não mais ali se achava. Tinha feito malas, como doido e tinha sahido aos trancos, furioso. Quando chegou á porta, Susan Lenox encontrou Mike Kelly.

— Susan, amanhã você já pensará differentemente, sobre este caso...

— Não, Mike. Jamais penso differentemente, no dia seguinte... Hei de achal-o.

* ◈ *

A' procura do homem que amava, Helga foi ter á America do Sul, ao Café Paraiso. Lá, como artista de palco, esperava que, mais tarde ou mais cedo Rodney, que se tinha empregado nos charcos, ali fosse ter impellido pela vontade de se esquecer da vida.

Lá foi que Robert Lane, parando seu cruzeiro num yacht, conheceu-a e começou a adiar diariamente suas viagens. Era para elle, uma nova brincadeira. Achava-a differente das outras e não podia comprehender porque é que ella fazia aquella especie de vida naquelle café. Dansava para entreter os viajores. Sentava-se nas mesas. Falava com elles. Era tudo! Nem siquer no dinheiro delle ella tomára interesse... Lane lhe pediu que embarcasse em sua companhia. Arabia, Egypto, Ceylão. Sol, bons vestidos, alegria.

— Quando terminarmos o cruzeiro, eu continuarei — financeiramente falando — o mesmo homem que sou. Quer ou não quer? Não gosta de mim?

— Sim, um pouco mais do que os outros que tenho conhecido. Uma expepção, apenas.

Elle procurou a resposta nos olhos della. Falou.

— Você é realmente interessante. E' possivel que eu esteja apaixonado por você. Tambem é possivel que eu não deixe este porto justamente por esse motivo...

Vendo-o assim, ella lhe disse.

— Toda minha vida eu quiz encontrar um homem como você, carinhoso e cordato. Não encontrei. Agora que o encontro... nada lhe posso dar. Tudo pertence á elle!

— E tem noticias delle?

Elle respondeu com a cabeça, amargamente.

— Não. Mas é uma questão de horas, apenas. De tres em tres mezes elles o mandam até aqui. Estão a pingar os seus dias, agora.

— Eu nada devia dizer, bem sei, mas, Susan, já pensou na hypothese delle jamais voltar?

Ella o olhou, uma chamma de medo nos olhos.

— Digo isso, porque muitos delles não voltam... Os charcos têm febres, perigos...

— E por que é que você me diz isso?

— E' que pensei, no caso delle não voltar, que...

— Oh, não pense isso! Eu lhe peço!

— Mas eu quero leval-a commigo. Não ha desejo seu que eu não procure satisfazer: dou-lhe minha palavra!

— Eu já lhe contei tudo quanto fui, ate este momento. Se elle aqui não chegar, eu lá irei. Não penso em deixar, justamente agora, que estou resolvida a tudo.

— Olhe que muitas outras não recusariam a chance...

— Bem sei. Mas eu, se não vencer, cahirei ou me erguerei sozinha...

Horas depois, chegavam um grupo de homens que vinham daquelle serviço. Entre elles, vinha Rodney Spencer. Uma das pequenas do cabaret immeditamente apossou-se delle e o conduziu para a mesa. Susan approximou-se. O homem barbado que tinha diante de si era pouco parecido com aquelle que ha tempos conhecêra. Ergueu, depois, os olhos para ella, lentamente. Encarraram-se.

— Eu... Bem... O que é que está fazendo aqui?

— Trabalho.

— Sim?... A seguir Alegria e, depois... Port Said, não é?...

— Não...

— Mas, filha, é esse o caminho de todas as da sua especie...

Ella queria falar a sós com elle. Sem cerimonia alguma despediu dali a companheira.

— Você é incapaz de comprehender por que é que eu vim para cá.

— Não?... Ora essa... Apartamentos de luxo e politicos canalhas não duram sempre, não é?...

Ella muitas cousas tinha para lhe dizer, mas comprehendia que não era aquella a occasião propicia para isso. Deixou a mesa e foi para seu quarto. Elle a seguiu. Sentou-se.

— Agora que já nos cumprimentamos, diga-me: — que especie de jogo é o seu, vindo para cá?

— Deixei Mike Kelly depois de o ter visto, naquella noite.

— Mas aproveitou o tempo emquanto me esperava, não?...

E elle falou num tom que a rasgou toda, intimamente.

— Isto aqui custa dinheiro, Rodney. Precisava trabalhar para pagar.

— Pagou com a mesma moeda de sempre, não foi?...

Ella o olhou, perdida de tristeza.

— Desde que o vi, aquella noite, nenhum homem mais poz sobre a mim as mãos. Nem um minuto siquer. Nem um segundo!

— Mente!

— Juro! Nenhum homem!

— Bem... E o que quer você?

— Nosso amor reciproco tem feito de nós dois desastres humanos. Tua falta e minha falta. Acho devemos tentar de novo.

Rodney respondeu. Ahi tambem foi amargo.

— Você sabe que você é a unica que eu sempre quiz ao meu lado e ao redor da qual quiz construir um lar.

Fez uma pausa. Arrematou, cruel.

— Você propria incumbiu-se de nos cercar de paredes... de homens! Um exercito delles!

— Mas eu nunca quiz ninguem sinão você, Rodney. Sou sincera comtigo, juro! Rodney, eu farei tudo por você. Tudo! Irei para onde queira que eu vá. Devemos nos perdoar, mutuamente e devemos começar, novamente. Devemos nos perdoar, Rodney!

— Por que falar em perdão? Por que pedir, a mim, cousa tão differente? Os outros homens a tiveram pelo preço que é o seu: — nenhum! Agora eu a ttomo como a encontro...

Agarrou-a e tentou beijal-a. Ella, rapida, livrou-se dos braços delle. A cortina da sala abriu-se e Robert Lane appareceu á porta. Os olhos de Rodney pouco demoraram nelle. Voltaram-se rapidamente para Susan.

— Um dos teus freguezes, hein? Ella tem apontamento commigo, sabe? saia e logo, vamos!

— Meu amigo, não é tal. Eu sei de todo seu caso. Acho que está commettendo uma grande injustiça!

Voltou-se para a pequena e lhe disse, com profunda admiração.

— Não me vexaria de fazer dessa mulher minha esposa. Ella é admiravel!

— Casar?

Perguntou Rodney.

— Ora, seu trouxa, escute: — o que lhe falta, para satisfazer o seu desejo é uma licença matrimonial. Vá tiral-a, sim? O que importa, aqui, é o preço, não o casamento...

Susan não poude supportar mais essa injustiça sem reagir.

— Já pensou, um só segundo, que pode estar enganado? Que direito tem para tomar essa attitude?

— Que direito? Sabe porque é que eu ando chafurdando naquelles charcos?... Sabe porque é que jamais respiro um ar puro sem estar bebado, no cães? Tudo isso porque me faz esquecer, esquecer, esquecer! Queima a bebida. Mata-me o veneno dos mosquitos.

(Termina no fim do numero).

Motivos para divorcios...

Já se falou e se escreveu tanta cousa sobre os divorcios de Hollywood que, sem duvida, são a cousa mais complicada e a mais simples da cidade do Cinema, analyzando bem. Dizemos isto, porque os seus motivos são quasi infantis e as suas causas outro tanto. Apenas analyzando bem as cousas é que é possivel comprehender melhor este aspecto de Hollywood.

Uma cousa é preciso notar. Artista algum, depois do divorcio, suicida-se ou assassina. Isto, porque não ha reputação que soffra, em Hollywood, por causa de um divorcio. Os publicos de John Gilbert ou Lawrence Tibbett não se abalaram com os divorcios destes de Ina Claire e Grace Tibbett. A cousa que o publico espera, ao contrário, é ver qual casal apresentará o "motivo" mais interessante para o divorcio...

E' uma pandega. Ha divorcios porque o marido não dá festas. Outros, porque o marido dá festas demais (caso Betty Compson-James Cruze). E estes são motivos mais do que sufficientes para encetar uma acção... Um pediu divorcio porque a pequena passava muito tempo occupando o banheiro. Ainda outra, porque achou que foi muito barato o presente que o marido lhe deu pelo Natal.. Isto não é realmente engraçado?

Quando se divorciou de Ouida Bergére, George Fitzmaurice declarou que não sabia porque ella quizera o divorcio. "A menos que esteja soffrendo da elegante mania do descontentamento". E tinha elle razões de sobra para dizer isso que é uma pura verdade, em Hollywood...

Superficialmente, estes "motivos" para divorcios, em Hollywood, parecem vagos e incertos. Mas tudo é positivamente motivo. Ha um conhecido caso de um cavalheiro elegante de Hollywood que pediu o seu divorciozinho porque a esposa pensou que o hymno nacional francez fosse a "Quinta Symphonia" de Beethoven...

A infidelidade, propriamente, não é um motivo justo ou seguro. A's vezes collabora no "motivo" que é principal e justamente o lado infantil da historia... Ha casamentos que duram uma noite. Começam ás nove, depois de tres abrideiras e terminam pela madrugada, com um beijo e uma despedida. O "motivo" deste divorcio será, com certeza, "abandono do lar"...

Quando a cousa se complica em Hollywood, Reno salva a situação, brilhantemente. Em Reno, parece-nos, tomar dois copos com agua durante o dia, quando um dos conjuges não quer, já é motivo para divorcio...

Mae Clarke, que fez grande successo recentemente em *A Ponte de Watherloo* e que todo mundo dá como provavel futura esposa do operador Henry Freulich, seria capaz de requerer um divorcio caso o marido fizesse o mais simples gesto de pouco caso.

— Se elle der de hombros ou sorrir maliciosamente ou sardonicamente ou, mesmo, se tiver manias supersticiosas ou enthusiasmos desusados, eu delle me livrarei em minutos. Não supporto o dominio dos homens. Para casar commigo, é preciso que o homem seja de uma paciencia sem limites e faça aquillo que eu queira. Caso contrario... Se elle chamasse a attenção minha durante um ensaio do meu papel, seria este um sufficiente "motivo" para o divorcio immediato!

Mr. Freulich, cuidado...

Carmel Myers (casada e feliz com Ralph Blum, não podemos saber por quanto tempo é!), tem motivos para divorcio esplendidos.

— O primeiro dia em que faltar ao respeito a meu marido, divorcio-me delle incontinenti! Não supporto isso: — a falta de respeito e é apenas por isso que eu espero faltar ao respeito a Ralph para immediatamente ter o meu "motivo" para divrocio.

June Collyer (senhora Stuart Erwin), acha que deve ser ella mesma apesar de ter um marido.

— Se meu esposo forçar-me a perder a minha personalidade... está na linha do divorcio irremediavel! Os homens que querem matar as personalidades das esposas, pensam apenas na posse e não no matrimonio e eu não estou para isso.

Cuidado, Stuart...

Genevieve Tobin divorciar-se-ia do homem que lhe recitasse um soneto depois de casado...

Judith Wood, então, é mais interessante. Declara que se o homem com o qual ella se casar, começar a ganhar dinheiro, trabalhando, estará perdido, porque ella se divorciará delle incontinenti...

Frances Dee diz que, se se casar, o marido terá que ser ciumento.

— Se não o fôr, é porque tem demasiada confiança em mim e isto não me convém. Divorcio-me!

Frances Dee tambem acha que a infidelidade do esposo é supportavel quando num caso romantico, uma vez e sem paixão. Que a mulher deve perdoar isso. Mas não supportar uma paixao do marido por outra mulher. Isto não!

Sidney Fox, por seu lado, já pensa o contrario:

— A infidelidade seria a unica cousa que eu não supportaria nunca num marido. Não existem motivos que justifiquem uma infidelidade. Se o homem com o qual eu me casar trahir-me, não demorarei talvez trinta segundos em pedir o meu divorcio. Posso amal-o á vontade, que isto pouco se me dá!

Lilyan Tashman tem motivos interessantes.

— Que tal se seu marido cantar no banheiro? E se a gente entrar no mesmo, pela manhã, descobrindo que elle deixou, na vespera, aberto o tubo de dentifricio? E se elle não reparar no vestido novo ou preferir a gente num modelo antigo? E se seu marido lhe contar vinte ou mais vezes pelo anno afóra a sua piada predilecta? Tudo isto não são "motivos" para divorcio?

Mas ella accrescenta.

— Felizmente Edmund Lowe não tem nenhuma dessas faltas. Mas se elle commetter uma dellas que seja...

Eddie, cuidado com o tubo de dentifricio...

Já que avisamos Eddie, avisemos tambem Kenneth Mac Kenna... Cuidado, Kenneth! Se você se esquecer de pôr a toalha de banho para seccar e demorar, á mesa, lendo jornaes da manhã, mais de dez minutos... Kay Francis pedirá incontinenti o divorcio!...

(Termina no fim do numero).

Fraces Dee diz que o seu marido deverá ser ciumento...

Mas Sidney Fox pensa o contrario...

Marlene

Marlene Dietrich conversou com Gladys Hall, uma jornalista Cinematographica das mais antigas e que collabora nas melhores revistas de Hollywood e New York. E eis o que ella colheu na sensacional entrevista.

* * *

Para Marlene Dietrich, não existe o "amanhã." Não existe o "hontem." Existe apenas o "hoje." O agora. O momento presente. O instante que ella vive. Foi isto que ella me contou, sincera.

Mas é uma luta fazer Marlene falar de si propria. Ella detesta falar della. Ri ás perguntas que se lhe fazem. E' immoderadamente modesta. E' lethargica. E' inerte. Olha sempre para o infinito das suas cogitações e está normalmente abstracta. Parece um animal adormecido que apenas se levanta e apenas desperta pelo poder da necessidade de lutar pelos seus filhos, pelo alimento, pela natureza.

Ella diz.

— Não tenho philosophia da vida. E por que ter? Quem quer saber disso? Poucos homens realmente grandes, Nietzsche, por exemplo, podem exprimir suas proprias philosophias e os povos escutam ou lêm. A minha não lhes interessa. Além disso, não tenho nenhuma,

Uma cousa que Marlene não faz, é olhar para o futuro. Pouco se lhe dá o futuro. Não pensa nos dias que virão. Nos quarentas annos ou cincoenta. No instante em que lhe faltar a mocidade, a belleza ou a fascinação pessoal. Ella me disse.

— Já lhe disse. Jamais penso no futuro. Mas este meu modo de não pensar, não formular e não me aborrecer, não é cousa deliberada, em mim. Eu faço isso instinctivamente, pode crer. Acho que tudo, na vida, já está marcado. Creio num destino antecipadamente estabelecido e inalteravel. E creio nisso apesar de não ser religiosa. Pouco penso nessas cousas e quando penso, faço-o para tirar a conclusão de que não valem dois minutos de pensamentos concentrados... O que eu sou e onde me acho, não sou e nem vim porque eu quizesse. Jamais planejei fazer, ser ou qualquer outra cousa assim. As circumstancias amoldaram-me de accordo com a materia que ha em mim. Com essa materia, no emtanto, eu nada tenho a ver.

Não planejei ser artista. Não pensei nunca em vir para Hollywood. Jamais pensei no successo que eu pudesse e iria ter aqui, realmente. Tudo isto me aconteceu sem que eu nisso tivesse cançado meu pensamento. Outras cousas ainda me acontecerão. Mas eu continuarei nada tendo com as mesmas. Eu nunca penso.

Dize-me que todas as mulheres preoccupam-se extraordinariamente com o futuro dellas. Preoccupam-se com os dias que virão e as encontrarão velhas e, logo, em seguida, pensam na fortuna e na pobreza e em mais cousas, ainda, que dizem respeito á vontade de advinhar o futuro. Não é verdade, isso e eu provo a menos que eu seja fóra do commum, uma pessoa dessas que todos apontam como exepção. Não creio nisso. Já se escreveram, sobre mim, cousas realmente engraçadas. Que sou mysteriosa e differente. Difficil e incomprehensivel. Riu-me disso. Mas se sou isso, não o sei e faço isso sem pensar.

Para minha filhinha, minha Maria, tenho planos, é certo. Para mim, nenhum. Para a pequena eu planejo e sonho. Mas mesmo para ella eu não planejo cousas muito certas Eu creio que ella devia inclinar-se á individualidade, fazendo aquillo que achasse melhor fazer. Mas eu não penso nisso para qualquer pessoa. Ha pessoas que nascem querendo sempre fazer a cousa errada. A minha pequena faz sempre, espontaneamente, a cousa certa. E' por isso que eu acho que deve ser abandonada ao seu proprio temperamento, porque assim fará tudo a seu criterio e de forma certa.

Não quero que ella cresça e se eduque na America. Quero leval-a de volta a Berlim. O anno vindouro ella irá para o collegio. Estes primeiros annos collegiaes são importantes. Quero estar lá com ella. Acho que lá devo permanecer com ella e lá trabalhar. Se é que tenho alguma vontade, sinto que meu instincto é o de uma authentica **hausfrau** allemã, para muitos filhos e muitos cuidados caseiros. Esta é, para qualquer mãe sensata, a unica condição natural para a vida. Por que sou artista, minha pequena tem que vir de Berlim para Hollywood e daqui ir de novo para lá? Isto, para ella, não serve. Tem saudades da avó, do lar, do pae e de suas amiguinhas. Ella quer voltar ao lar. Sinto-me criminosa, por isso e creio que ella perde um direito á sua vida e por minha causa. Até remorços eu sinto.

Maria, a filhinha de Marlene, entrou no camarim onde conversavamos naquelle mesmo instante. Foi-se, do rosto da **estrella**, aquelle ar vago e abstracto que é um seu caracteristico. Substituiu-o um calido enthusiasmo. Ella agarrou a pequena que tem seis annos possiveis e, apertando-a nos braços, beijou-a com impeto e com amor. Murmurou, aos seus ouvidos, palavras carinhosas num allemão extremamente do lar, da intimidade de uma vidinha simples.

Mais do que nunca, naquelle momento, eu pensei na selvagem ternura de uma leôa enorme e admiravel, enchendo de alegria intensa o seu ninho. Em Marlene ha muito desse instincto animal. Em tudo. Este animalismo, mesmo, é a base capital dos seus Films. Ella é insensivel, inerte, parece somnambula, na maioria dos seus momentos. Quando um facto fundamental para a sua existencia, no emtanto, corre para diante de seus olhos, torna-se feroz e desperta. A sua filha alegra-a intensamente. As entrevistas aborrecem-na extremamente. Consegui observar com absoluta nitidez essas duas phases do seu animalismo em acção.

A pequena tornou a sahir. Ella é engraçadinha, cheia de sardas e com uns lindos olhos azues. Principalmente vivaz. Muito robusta e crescida, tambem. Disse isto a Marlene emquanto ella atravessava a sala, dando algum movimento ás pernas quasi adormecidas. Maria tem a confiança em si que é puramente espontanea em toda creança norte-americana. Além disso ella orgulha-se profundamente de sua mãe e demonstra isto com muita alegria e intensidade. Mas é facil de comprehender que, para a pequena, ella é apenas **mutter**. Para ella, Marlene não é estranha. Nem mysteriosa. Nem uma **estrella** sensacional. Ella é apenas **mutter**, com um collo quente e macio, com braços protectores muito carinhosos,

dinheiro em penca para comprar todos os brinquedos imaginaveis. A pequena fala allemão esplendidamente bem. Em inglez, cousa que achei interessante, ella diz com perfeição, apenas os titulos dos Films de sua mãe, feitos em Hollywood.

A maio. parte do seu tempo disponivel, passa-a Marlene levando a filhinha aos Cinemas, á praia, ás compras. Ella jamais foi reconhecida por qualquer empregada de balcão, quando vae fazer essas compras e sei e-se com isso immensamente satisfeita. Do que não gosta, é de fazer compras para si. No momento em que a entrevistei, usava um conjunto negro, europeu; segundo ella me disse, com apenas uma joia, um broche de brilhante muito bonito e muito discrecto. Sobre seus cabellos côr de mel, um chapéozinho admiravelmente elegante e moderno, tambem preto. Sobre os hombros, uma pelle preta e branca, realmente admiravel, com a qual não cessava de brincar, nervosamente, como se estivesse doente ou agitadissima.

Quando a pequena nos deixou novamente a sós, cahiu ella, de novo, no seu silencio abstracto, do qual apenas uma pergunta realmente interessante a poderia tirar...

Ao lado della, o que mais se nota são os olhos, perplexos, fixos, perfurando horizontes desconhecidos. Apenas depois della dizer um pouco do que realmente é, é que se comprehende que ella não está olhando absolutamente nada, nem material nem espiritualmente. Não existem "amanhãs" esperançosos e nem "hontem" aborrecido... Só pensa nas suas refeições e nas exigencias do seu physico, horas antes dos mesmos usuaes acontecimentos.

O seu successo pesa-lhe intensamente. E' uma força brutal que a comprime sem cessar e com violencia incrivel. Mas tudo depende, nesse sentimento, de como se esteja sentindo, physicamente (de novo o animalismo). Um dia ella gosta do seu trabalho, vae ás **premiéres**, gosta de autographar photos e livros de **fans** e interessa-se por creanças. No dia seguinte é capaz de não supportar nada disso e sente apenas impeto de fugir, de summir, de voltar á Patria, de esquecer-se, para sempre, de que já foi, um dia, **estrella** de Films.

Quando ella trabalhava na Allemanha, sentia as cousas differentemente. Lá, ser artista era ter um emprego como outro qualquer. Ia ao Studio pela manhã. Trabalhava o dia todo. A' tarde voltava para casa. Se o Film ficasse bom, alegrava-se. Se ficasse mau, o que fazer? não era sua a responsabilidade.

Aqui em Hollywood, a responsabilidade é toda sua e ella sabe perfeitamente disso. Leva o seu trabalho muito a serio. Uma seriedade que occupa o seu tempo de trabalho, é certo. Não pensa no Film que se seguirá ao que está fazendo. Não pensa na assignatura de outro contracto de seis mezes, quando terminar o presente. Recusou-se peremptoriamente a assignar qualquer contracto por mais do que esse praso e nem se falou em tres ou cinco annos, os normaes em Hollywood. A primeira vez assignou por **tres mezes**, apenas. E fel-o, porque diz que não pode saber o que poderá **pensar em fazer** tres ou seis mezes depois da assignatura de um contracto. E isto, porque para Marlene não ha "amanhã."

Ella não sabe o que poderá acontecer ao seu casamento (com Rudolf Sieber, director de Films no Studio da Paramount em Joinville) e nem se terminará em divorcio essa união. Tambem não sabe o que fará quando voltar ao lar. E nem se tornará a voltar a Hollywood.

Ella diz que é logico que não se sinta feliz. Ou melhor: — que é feliz uma vez ou outra. Quando está no jardim em companhia de sua filhinha, brincando, é. Quando encontra amigos sinceros e boa palestra, é. Quando se está alimentando ou dormindo, tambem.

conta a verdade a seu respeito...

Sente-se infeliz quando está dando entrevistas. Acha entrevista uma cousa "tão tola!". Quando aqui chegou, alguem a abordou e lhe pediu que desse a sua "receita para o amor." Elle se riu disso e riu-se muito. Diz ella que o que querem saber é sobre seus amantes e zangam-se quando estes não existem...

— Como se eu fosse falar nelles, caso existissem ou tivessem que existir...

Arrematou ella.

A unica receita que ella tem é "como dar uma entrevista", já que não pode ter receitas sobre o amor.

— O melhor modo de fazer uma entrevista, é escrever perguntas e respostas. E' a unica maneira digna.

Quando ainda estava na Allemanha...

Nesse negocio de eu ser comparada a Greta Garbo, por exemplo. De grandes distancias "descobriram" que eu gostei disso e fizeram a entrevista. Não é direito. Devia ser assim. Pergunta: — "Objecta alguma cousa á essa comparação com Greta Garbo?" Resposta: — "Não gosto de comparações com quem quer que seja. Não ha artista que possa disso gostar." Isto seria intelligente e elegante. Mas não é assim que fazem, aqui. Omittem-se sempre as perguntas...

Hollywood é um logar difficil. Se a gente se recusa a dar entrevista, levam-nos a mal. Se dá uma e não conta nada intimo, recebe-se pouco caso ou então escrevem-se cousas mentirosas em troca. Não comsigo comprehender porque será assim...

Tinham-me dito que era mais facil carregar uma montanha aos hombros do que fazer Marlene falar de sua vida intima. E' uma verdade. Mas uma verdade razoavel, afinal de contas.

Já a taxaram de silenciosa. De ser o "papagaio" de Josef Von Sternberg, seu director e descobridor. De ser convencida. Pretenciosa. Immitadora das attitudes de esphinge de Greta Garbo. Mas nada disso é exacto ou correcto.

Ella é real e verdadeiramente modesta. Não crê que suas theorias, philosophicas (se é que alguma ella tem) ou opiniões possam interessar a quem quer que seja. Prefere trabalhar na Allemanha, porque a cousa é menos complicada, o jornalismo Cinematographico não é tão intenso e o trabalho agrada mais e tem menos responsabilidade. Acha que entrevistas e publicidade sobre objectos ou cousas particulares, são desnecessarias. Se a artista faz bem o seu papel e cumpre a sua obrigação para com o **fan** á altura do seu renome, que razão a forçará a dizer o numero do seu sapato ou o seu gosto por este ou aquelle prato?

Antes de mais nada, no emtanto, o que eu notei em Marlene foi um animalismo absoluto. Dá a impressão exacta da leôa, na sua placidez, na sua calma e na sua combatividade diante das situações dificeis para a sua prole.

Principalmente no seu aborrecimento pelas entrevistas e no seu amor ao seu ninho de amor.

Pola

(*Especial para "CINEARTE"*)

Um dia eu vi *Quo Vadis?*... Gostei Era naquelle bom tempo em que eu ainda não prestava attenção na perna da vizinha, disfarçando com o jornal, e nem siquer imaginava tomar um trem de suburbio para acompanhar uma normalista... Eunice, nua, em cima do animal bravio que Ursus dominava com o poder dos seus musculos, não me impressionava. Impressionavam-me os santos martyrizados. A sympathia de Petronius. A sinceridade de Vinicius. Lembro-me que fechei os olhos e virei o rosto quando o primeiro cortou os pulsos...

Fiquei gostando do Cinema italiano.

Mas vi outro *Quo Vadis?*

Depois, *Ultimos dias de Pompeia*.

Depois, *Quo Vadis?*

Depois, *Ultimos dias de Pompeia*.

Film em series com episodios repetidos...

Comecei a achar ruim...

Depois... vi, no palco do Cinema Polytheama, o primeiro artista em "carne e osso". E era um idolo meu, note-se! Chamava-se Alberto Capozzi...

O homemzinho entrou. Cabellos escasseando. Rosto vinculado de pés de gallinha. Envolto numa capa preta de forro furta-côr. Casaca brilhante. Sapatos com meia sola...

Olhou. Fez um signal. As palmas cessaram. Elle falou:

— Io... Io... Io...

Tossiu. Recomeçou.

— Io... io... E' meglio che vi dica che...io...io...

Tossiu Recomeçou.

— Parleró, adesso... si... é meglio!... un... qualche cosa in "hespanhol"...

Não tossiu. Custou a recomeçar.

— Ahora... hablando... español... si... presento-me: — Alberto Capozzi!

Estrugiram... duas ou tres palmas. O homemzinho recomeçou:

— Veran... adesso... una pellicula che io ho... si... comme si dicce?... si: — impresso a Roma!!!...

E afflicto, fez um gesto daquelles quando ameaçava a vida de Francesca Bertini, nos lances hyper-superdramaticos das historias de ciume e veneno que viveram juntos. Fez o gesto, tirou a cartola, espremeu-a e pol-a sob o braço. Atirou-se pelos bastidores e entrou o Film...

Foi aquillo a apresentação de Alberto Capozzi ao publico... A ameaça de pateada ficou pelo caminho. Sempre era melhor sahir elle do palco do que ficar...

Não gostei mais do Cinema italiano...

Passei-me para Max Linder. Gabrielle Robine...

Depois, um dia, vi um Film de Monroe Salisbury. Pequeno. Cinco actos, se tanto. Elle era parecido com meu pae. Representava naturalmente. Parecia gente... Senti que havia, naquelle Cinema, qualquer cousa melhor do que nos outros. Ainda não comprehendia bem. Mas senti...

Seguiram-se *Entre Venus e Deus*, *Pésinhos de Ouro*, *Algemas do Passado*... Triangle. Blue Bird. Paramount-Artcraft... Films que me arrebatavam. *Brutalidade*, de George Walsh, mais tarde, na epoca em que, eu em casa, diante do espelho sentia-me heroe de Film, tambem, poz-me meio maluco. E eram Films que deixavam saudade... *Chispa de Fogo*... Depois. William Farnum. Fez-se em um Film meu idolo. Era freguez de primeira fileira em dias de *Nos Sertões Africanos*, *Pulsos de Ferro*, *Rude e Decidido*... E foi assim que eu comprehendi melhor o que era possivel no Cinema Ahi que detestei o tempo que perdi com Cinema europeu.

Tornei-me *fan* absoluto do Cinema americano.

Não mais me interessou o italiano. O francez. Muito menos o allemão, que nada tinha aqui exhibido, até então.

——oOo——

Um dia, vi *Madame Du Barry*. Não quiz assistir em S. Paulo. Fui assistir em Ribeirão Preto, numa viagem de recreio, seguindo uma namorada que entrou naquelle Cinema e eu segui sem olhar o programma... Acabei esquecendo a namorada e só vendo o Film. (E' o perigo que offerecem aquelles que gostam de Cinema e namoram...). Mas não era o Film. Eram dentes muito brancos que brilhavam atravez labios rasgados num riso malicioso, irritante, differente... Quando Emil Janningus abaixava-se e lhe beijava o pézinho, senti um arrepio e comprehendi tres valores perdidos naquelle Film: — Pola Negri. Emil Jannings. Principalmente Ernst Lubitsch...

Sapho, serviu.

Carmen, aborreceu.

Sumurum, desilludiu.

Um dia veiu a noticia.

Pola Negri contractada pela Paramount.

Pouco antes, ainda esta.

Ernst Lubitsch com a United Artists.

Finalmente, tempos depois, a ultima e menos importante, por signal.

Emil Jannings tambem com a Paramount.

Vieram depois os Films.

A Bella Diana, dirigido por George Fitzmaurice, com Conway Tearle e Conrad Nagel.

Beijos que se vendem, tambem dirigido por Fitzmaurice, com Jack Holt e Charles De Roche, argumento que a Paramount já tinha feito com Fanny Ward, Jack Dean e Sessue Hayakawa e hoje, novamente, com Tallulah Bankead e Irving Pichel.

A Dansarina Hespanhola, dirigida por Herbert Brenon, com Antonio Moreno, Adolphe Menjou e Wallace Beery.

Os Peccados de Paris, tambem dirigido por Brenon, com Huntley Gordon e Charles De Roche.

Homens, sob a direcção de Dmitri Buchowetzki com Robert Frazer e Edgar Norton.

O Lyrio do Lôdo, com o mesmo director Buchowetzki e com Ben Lyon, Noah Beery e Raymond Griffith.

Paraiso Prohibido, uma maravilha de Film dirigido por Ernst Lubitsch, que, assim, pela primeira vez se associou á ella, nos Estados Unidos, com Rod La Rocque a Adolphe Menjou.

Escrava da sua Belleza, dirigido por Raoul Walsh, com Edmund Lowe.

A Irresistivel, com a direcção de Sidney Olcott e Robert Frazer como galã.

A Flôr da Noite, sob a direcção de Paul Bern, com Youcca Trouzetzkoi coadjuvando-a.

A Condessa Democrata, dirigida por Mal St. Clair, com Holmes E. Herbert e uma vibrante scena de chicotada.

Negri

Mentiras, dirigido por Buchowetzki, com Robert Ames e Noah Beery.

Viuvinha Americana, dirigido por Mal St. Clair, com Tom Moore, galã.

Hotel Imperial, dirigido por Mauritz Stiller, com James Hall e Michael Vavitsch, um dos melhores trabalhos seus nos Estados Unidos.

A Ré Amorosa, tambem dirigido por Mauritz Stiller, com Einar Hansen.

Amae-vos uns aos outros, tambem da serie que Erich Pommer super visionou para a Paramount, dirigido por Rowland V. Lee, com Clive Brook.

A Hora Secreta, dirigido por Rowland V. Lee, com Kenneth Thompson e Jean Hersholt.

Morta para o Mundo, dirigido por Rowland V. Lee, com Warner Baxter e Paul Lukas.

Sangue de Slava, dirigido por Ludwig Berger, com Norman Kerry.

E *Rachel*, o seu ultimo Film para a Paramount, dirigido por Rowland V. Lee e tendo Nils Asther e Paul Lukas coadjuvando-a.

Vinte Films.

Depois um silencio de varios annos.

Falando correntemente inglez e cantando maravilhosamente bem, voltou.

Trouxe-a a RKO Pathé. *The Woman Commads*, seu primeiro Film, dirigido por Paul L Stein e tendo Basil Rathbone e Roland Young nos primeiros papeis ao seu lado.

Pola Negri novamente nos Estados Unidos. Convalescente de duas operações melindrosissimas que quasi lhe levam a vida

Pola Negri, em Hollywood numa epoca que Hollywood alimenta Greta Garbo. Marlene Dietrich. Lil Dagover. Elissa Landi. Tala Birell. Estrangeiras, tambem e de renome.

O que conseguirá ella?...

——oOo——

Esta pergunta caberá ao leigo ou ao incredulo. Não a mim, profundo admirador de Pola, conhecedor de todos seus recursos. O que eu acho é que ella voltará sem delonga ou duvida alguma ao seu primitivo posto. Nada a impede. Se outras têm personalidade, ella tambem a tem. Se representam, ella... bem, os que viram seus Films sabem disso! Se as outras são elegantes, Pola Negri deslumbra. Idade? Mais velha do que Lil Dagover ou Marlene ella não é. Os vinte e seis annos de Greta Garbo que a publicidade dá, tambem não affrontam os seus trinta e poucos.

Pola Negri tem, diante de si, ainda, um futuro immenso. Se tiver bons Films. Bons directores. Boas historias. Reconquistará. Mas se todos os que se seguirem forem como o primeiro agora feito e exhibido, não é possivel esperar nada della. Mas é impossivel que elles não comprehendam a carta que têm nas mãos e o valor que a mesma representa.

——oOo——

Dois casos fizeram a Pola Negri de annos passados, celebre em Hollywood. Suas brigas com Gloria Swanson. Seu amor por Rudolph Valentino.

Ella e Gloria Swanson disputavam, naquelle periodo, a primazia no conceito dos *fans* da Paramount. Ambas *estrellas* que mereciam, dos productores, todas as attenções, que relevam por tudo e mesmo por nada.

Pola Negri encontrou-se com Rudolph Valentino depois delle divorciado de Natacha Rambova, a criatura que o liquidou artisticamente durante muito tempo. Amaram-se. No sangue slavo da poloneza adoravel, o escaldante sangue latino do italiano encontrou a felicidade... Quizeram-se. Viveram idyllios mais longos e mais apaixonados do que um beijo de Lupe Velez... Elle se torturou na paixão louca que aquella mulher lhe inspirou. Ella, amalucada, entregou-se sem pensar e sem reflectir aos braços e aos ca-

(Termina no fim do numero).

que teriam abatido qualquer espirito fraco. De manhãzinha á noite ella trabalhava como poucas. Era uma luta extenuante e sem remedio. Mas ella tudo supportava e tudo fazia com a melhor das boas vontades. Animava-a o instincto e dava-lhe força a alma moça e, apesar de cheia de esperança.

Houve, pouco depois, na vida da pequena escrava, um lampejo de felicidade.

Um dos pensionistas, John Lonsdale, mostrou-se differente dos outros. Filho de uma familia rica, elle a tudo renunciára pelo amor desmesurado que tinha ao ideal da sua vida, a musica. A primeira vez que a viu, John lhe deu uma ordem secca e aspera. Foi para experimental-a. Um dia, tempos passados, no emtanto, um carregador trouxe um piano, para John e ameaçou não deixal-o caso elle não pagasse, como o queria o dono, um mez de alluguel adiantado e o carreto. John não tinha dinheiro que chegasse para pagar aquillo. Mas Mary Ann, falando a sós com o carregador, pediu-lhe que deixasse o instrumento que ella pagaria o que faltasse. E usando todas as suas economias de até então, fel-o pelo amor immenso que já tinha a John. O carregador disse que, afinal de contas, deixava ficar o instru-

MARY ANN

O reverendo Smedge, nesse dia, levára Mary Ann, uma orphãzinha meiga e adoravel, para a pensão de Mrs. Leadbatter, uma senhora respeitavel e necessitada dos prestimos e auxilios de uma pequena como Mary Ann. Ella, no emtanto, ansiava por conhecer sua nova patrôa. E a sua nova residencia, afinal de contas, como seria? O Rev. Smedge garantia-lhe que Mrs. Leadbatter seria, com ella, uma patroa carinhosa e meiga. Mas tudo, ali, parecia-lhe extremamente curioso... Depois da morte de seu pae, na America, para onde tinham ido e onde ella nascêra, ella e sua mãe não puderam, sózinhas, continuar com a pequena fazenda que elle, antes de morrer, lhes deixára e, assim, regressam a pequena aldêa, na Inglaterra, de onde vinham todos seus parentes.

Lá, doentia como era, sua pobre mãe tambem não resistira a saudade do marido e os soffrimentos todos que disso lhe advieram. Morrêra tres mezes antes desde instante em que vemos Mary Ann tremula ante a espectativa de uma nova patrôa que o Rev. Smedge lhe apontava como boa e meiga.

Até que um lugar para ella se arranjasse, posta foi Mary Ann no Orphanato da Cidade. E dali é que ella sahira para a casa de pensão de Mrs. Leadbatter.

Ganharia quarto, comida, roupas e quinze "shillings" por mez. Devia fazer todo serviço de arrumação e limpeza daquella velha e enorme casa. Aquella menina apparentemente franzina e delicada, no emtanto, tinha uma incalculavel força de vontade e, para a sua nova patrôa, ella a si propria promettia fazer aquillo que suas forças lhe permittissem. Foi isso mesmo que disse a Mrs. Leadbatter quando esta se approximou para observar a orphã. A senhora olhou-a, perguntou-lhe sobre sua força e acabou implicando com Dick, papagaio inseparavel de Mary Ann. Disse que já tivéra um papagaio e que o bicho falava de mais. Mary Ann

(MERELY MARY ANN) — Film da FOX

JANET GAYNOR . . . . Mary Ann
CHARLES FARRELL . . . . John Lonsdale
Beryl Mercer . . . . Mrs. Leadbatter
J. M. Kerrigan . . . . "drayman"
Arnold Lucy . . . . Rev. Smedge
Lorna Balfour . . . . Rossie Leadbatter
Tom Whitely . . . . Peter Brooke.

Director: — HENRY KING

garantiu-lhe, no emtanto, que o papagaio jamais disséra uma palavra e, assim, consentiu que ella e o bicho ficassem, com a condicção essencial delle não fazer o menor ruido.

———

Começaram, para Mary Ann, dias de luta

mento e, assim, John sentiu-se tambem feliz naquelle dia que era o mais alegre da vida de Mary Ann.

Daquelle dia para diante, a pequenina e humilde criatura não mais sahia da porta do quarto de John quando elle começava seus estudos. Algumas vezes elle a convidava para entrar e ouvir e chegava, mesmo, a tocar para ella melodias que a enlevavam. Depois falava-lhe das suas esperanças, dos seus sonhos, a tudo ella respondendo apenas com a linguagem muda da admiração e do regosijo silencioso.

Uma tarde, tocado pela devoção daquella criatura John lhe perguntou se podia fazer alguma cousa para ajudal-a.

— Sim, meu senhor! Posso deixar meu canario aqui no seu quarto? A senhoria não gosta delle...

(Termina no fim do numero)

O Club dos ex-maridos de Gloria Swanson

Scena: — restaurante Brown Derby, rua Vine, Hollywood, propriedade quasi exclusiva de Herbert Somborn n.° 2, tambem presente. Os outros dois interpretes são Wallace, n.° 1 e **mousieur** Henri, Marquis de la Falaise, n.° 3. O actual senhor Swanson, n.° 4, por emquanto, gosa tranquillamente a sua lua mel em Paris. Reunem-se os tres protagonistas em torno de uma mesa do restaurante em questão. Wallace é o maior, **monsieu** de la etc etc., o mais elegante e Somborn o mais bem parecido... financeiramente, a o menos.

* * *

— WALLACE BEERY — Bem, rapazes, reune-se hoje, pela primeira vez, o Club. Como numero um e iniciador do mesmo, por tanto — ou seja — fundador! Exijo que Henri, aqui presente e mais novo dos nossos membros, seja o presidente da mesa.

— HENRI — Mas **non**!... Acho que **monsieur** Berry deve presidir como fundador que é do Club. Além disso é um nome respeitavel!

— SOMBORN — Meninos, meninos, não briguem. Acho, Wally, que a presidencia é realmente sua. Afinal, meu amigo, você vem dos tempos da Mack Sennett e, por isso, ponho meu voto ao lado do de Henri.

— WALLACE BEERY — (sorrindo modestamente — se é que sejam capazes de imaginar Wallace sorrindo modestamente...) O que lhes posso dizer, então, meus amigos, é que lhes fico muito grato. E', para mim, honra sem igual presidir a esta primeira sessão do "Club dos Ex-maridos de Gloria Swanson." Antes de mais nada, abrindo a sessão, suggiro que mandemos vir tres valentes **filets mignons** para todos da mesa. Em seguida tratemos de negocios.

— SOMBORN — Meu voto é seu, Wally e você, Henry, não tem o direito de votar, já que a maioria quer. Gus! Vamos lá: — tres succulentos **filets** á vontade de Mr. Beery!...

— UMA SENHORA NERVOSA DO INTERIOR — (Que estava numa mesa do lado, com a sobrinha e a qual não tinhamos notado, nem siquer della nos recordando, injustificavelmente, aliás. Perdão, minha senhora, sim?...) Madge... Quem serão aquelles tres cavalheiros?

— MADGE — Psiu, titia!... Foram maridos de Gloria Swanson...

— A SENHORA NERVOSA — Santo Deus! Mercê Divina!... Parecem tão amigos!!!...

—MADGE — E têm sociedade constituida, titia!

— WALLACE BEERY — (batendo com o garfo na vazilha dagua e fazendo um desastre logo concertado por seis garçons extras que rodam sempre pelas proximidades da mesa) Amigos, falemos claro! Ao que devemos o prazer desta reunião?

— HENRI — Acho, **messieurs**, que deviamos mandar um telegramma a **monsieur** Farmer, nosso distincto amigo e successor. Sim? **Que voulez vous? Out? Non?**...

— SOMBORN — Que bella idéa, Henri! Peço ao nosso distincto presidente que aqui mesmo, sobre esta mesa, redija o telegramma em questão. Pagarei a lavanderia — digo, o telegrapho! — com satisfação. Wallace, urge que você escreva já esse telegramma suggerido brilhantemente pelo Henri. Dirija-o a Mr. Michael Farmer, n.° 4, actualmente agindo no sector previamente occupado pelas nossas respeitaveis pessoas e socio do nosso Club cuja reunião primeira é esta.

— HENRI — Bravos, Herbert!...

— WALLACE BEERY — Meninos, acceito a incumbencia com o espirito que a envolve... Que tal? **"Mike amigo. Felicitações e desejos de uma prospera lua de mel. Enceta você, agora, uma nobre e digna carreira, carreira essa que necessitará de toda sua resistencia e tenacidade bem amparada pela força de vontade e pela melindrosidade do seu cargo.** Desejamos-lhe maiores felicidades do que tivemos nesse mesmo periodo. Beijos para Gloria. Socios do "Club dos ex-maridos de Gloria Swanson" reunidos no Brown Derby sob a presidencia de Wallace Beery.

— SOMBORN — Bravos, Wally! A isso é que eu chamo "dar com uma pedra nelle"!... Aposto que elle sorrirá! E, senhores, que mulher!...

— WALLACE BEERY — Você o diz, Herb... Que mulher!...

— HENRI — **Et bien! Quel femme!**...

— SOMBORN — E... e como!

— WALLACE BEERY — Isso mesmo!...

— HENRI — **Mon Dieu**...

— WALLACE BEERY — Bem, amigos, foi uma grande experiencia. Não passava de uma menina quando a apanhei e a fiz minha esposa. Foram nos tempos da Essanay... Isso faz com que eu me sinta velho, Herb! O negocio é que não me lembro muito bem della, mas... tenho-a visto em todos seus Films!

— SOMBORN — Wally, você é o passado. Quando eu me casei com ella, Gloria era já uma **estrella**. E que dias foram aquelles para o Cinema, meninos! Encontravamos dinheiro pelas ruas...

— HENRI — **Mon Dieu!** (e quasi desmaia...)

— SOMBORN — Facto! Henri, você já chegou um pouco atrasado. Desde que você chegou que as cousas aqui andam peorando...

— WALLACE BEERY — (esfregando as mãos á chegada dos **filets**) Amigos, saudemos estes appetitosos **filets**! Offereçamos, amigos, a nossa primeira garrafa á nossa commum esposa e pela sua felicidade!!!

(Todos erguem os garfos, saudando. O restaurante bestifica-se...)

— WALLACE BEERY — A Gloria!

— SOMBORN — A Gloria, sim e que Deus a abençõe!

— HENRI — Ao esplendido **et charmant-monsieur** Farmer!

— WALLACE BEERY — Agora ao grude, macacada!

(Wallace e os demais atiram os garfos ao ar e apanham outros. Os mesmos vão cahir a mesa da senhora nervosa e sua sobrinha que, timidas, desmaiam).

— WALLACE BEERY — (sentando-se) Já lhes contei, rapazes, um episodio que se deu com a Gloria de 1919, num dia em que ella descia o Hollywood Boulevard, que naquelles dias era todo ladeado de arvores de pimenta?

— HENRI — E aquelles meus dias em Paris, quando eu era mais moço e mais encantador do que hoje? As arvores do **Bois**, a musica, no **Ritz**, os **cocktails** no Zelli... E aquella noite em que ella tirou os sapatos e...

— SOMBORN — Lembro-me de Gloria numa locação em Santa Monica... Parece-me que um galã que chamava Hector Glutz ou Glitz... Elle estava...

— WALLACE BEERY — Que tempos! Que dias!... Quando Gloria punha aquella roupa de banho fascinante, na Meck Sennett, os policiaes...

— SOMBORN — (saccudindo a cabeça numa recordação e seccando uma lagrima sentida) — Minha "Bunny" querida... Era assim que a chamava!

— WALLACE BEERY — (suspendendo o que ia dizer e olhando Somborn) — Desculpe-me Herb, mas o appellido della não era esse. Era "Toots"!...

— SOMBORN — Wally, eu disse "Bunny" e "Bunny" é, entendeu?... Minha querida "BUNNY", entendeu?...

— HENRI — (Ficando em pé, todo zangadinho, vibrando a faca de manteiga na mão) — **Messieurs!** Meus amigos!... Quem deve saber, melhor do que eu o appellido de Glorinha?... Ella se chama, na intimidade, "Snookums"!... Esses nomes extranhos que vocês acabaram de pronunciar, ennervam-me! Por favor, **messieurs!**... Minha querida "SNOOKUMS", entenderam?...

— WALLACE BEERY — Toots!!!

— SOMBORN — Bunny!!!

— HENRI — Snookums!!!

(Wallace começa arremessando uma batata quente. Somborn agarra-se á manteiga e arremessa-a. Henri, exaltadinho, apanha um saleiro e, atirando-o, começa a cantar a **Marseillaise**. A confusão e a briga é geral, depois disso...)

* * *

Raymond L. Schrock, scenarista, foi contractado para escrever exclusivamente para a Paramount.

* * *

Numa analyse de valôres de erudição de directores, averiguou-se, pelos cursos completados, que George Archainbaud, que trabalha para a RKO, é o mais erudito de todos.

One Hour With You, da Paramount, é um Film dirigido por George Cukor e tendo a supervisão de Ernst Lubitsch. No elenco, além de Maurice Chevalier, o **astro**, estão Jeanette Mac Donald, Genevieve Tobin, Roland Young e Charlie Ruggles. George Barbier tambem figura.

* * *

Nicholas Grinde, director, fez annos a 12 de Janeiro.

Irene Purcell

PARA QUEM VIU "O GALÃ DA NOITE" E "O GIGOLÔ"

Idéa da Paramount. Já tem havido varios commentarios e trocadilhos a respeito do seu nome...

A desconhecida Hollywood

Joan jamais bebeu. Não beberia, portanto. Sustentava-se, é claro, pelas suas proprias intimas emoções. E isto é uma cousa difficil e penosa.

Mas ella sahia de uma situação afflictiva, apenas para cahir noutra. Sempre carinhosa e generosa, principalmente, ella jamais deixou de presentear os operarios do Studio com o que podia lhes dar. Entre elles, um musico do *set*. A' este ella deu um "sweater" e uma photo autographada. A esposa deste homem processou o marido e pediu divorcio, apontando Joan Crawford como cumplice... E' logico que ninguem levou isso a serio e considerou até ridiculo. Mas os jornaes deram em linhas grandes e com escandalo.

Eleanor Boardman

Polly Moran

Mais um dos artigos de Katherine Albert sobre Hollywood.

——oOo——

Quando Joan Crawford ingressou para a M. G. M., era menos feliz do que Greta Garbo. A infelicidade della era intima e não tinha causa externa alguma. Greta Garbo tinha suas razões para soffrer. Mas os sentimentos diversos e exquisitos de Joan acabariam por se tornarem pensamentos. E nada que fira tanto, dôa tanto, como uma idéa inconsistente num cerebro sem directirz.

Sinto que serei capaz de dizer o que é que realmente se passava com Joan. Apesar de, a principio, não a ter apreciado e desaprovado o que todos diziam della por diversos modos, comprehendi, num relance, que nella havia uma grande dose de intelligencia e outra, não menor, de logica, ambas á espera de um futuro provavel uso. Nos annos que se seguiram, vi Joan tornar-se uma personalidade.

Ella veiu extranha como outra qualquer pequena sem nome ou titulo do *lot*. Queria mais do que a vida lhe podia offerecer, mas sentia-se, ao mesmo tempo, incapaz de abrir á porta á felicidade... Pensou que na alegria e no divertimento exaggerado encontrasse o que procurava. Verificou o contrario. Ao passo que ella vencia todos aquelles premios de dansa, aquellas taças e medalhas, sentia-se intimamente mais infeliz do que nunca — e, durante sua vida, tem sido innumeras vezes realmente infeliz.

Caminhava ella de cabaret para cabaret, amalucadamente dansava horas e horas e nada encontrava. Para Joan era peor, tanto mais, que ella não bebia. Digo isto, porque acho que a maioria dos frequentadores de cabarets persistem na resistencia, unicamente devido ao estimulo da bebida.

Era a segunda vez que a citavam injustamente em complicações taes e nós, do departamento de publicidade, tinhamos que fazer alguma cousa. Preparamos uma resposta. Quem escerveu a resposta não quiz, nunca, que eu lhe divulgasse o nome, se bem que isso só lhe trouxesse merecimento. Elle disse e foram palavras baseadas em commentarios ouvidos da propria Joan Crawford.

— Sinto-me cansada de ser capacho de esposas desilludidas!

Joan era um vivo estudo de contrastes. Varias imagens suas dansam-me agora no cerebro. Joan dansando, dansando, dansando, no Montmartre, no Ambassador, no Cocoanut Grove, pelas praias... Joan sentada no chão; bem ao meio do seu quarto de hotel á beira-mar; fazendo, a mão, um vestido para ir dansar logo á noite... Joan lendo em voz alta os bilhetes dos seus pequenos... Joan vivendo de café e cigarros... Extranha, infeliz, mutabilissima Joan...

Mas estas pequenas, bem o sabem, mudam diante dos olhos da gente. Vêm para o trabalho muito jovens. Chystalizam-se durante seus trabalhos. São o contrario dos jovens e das pequenas que se dedicam a outros ramos artisticos, nos quaes só se apresentam ao publico depois da absoluta cultura e rigidez interna. O publico de Cinema é tremendamente observador para perceber qualquer nudez mental. Preferia que soubesse o mesmo publico de todos meus casos de amor e segredos de coração, do que lhe dar opportunidade para ler meus pensamentos...

Joan passou da pequena ansiosa e tragica que era, para um typo adoravel de mulher e todo mundo acompanhou a mudança com os olhos. Mas não ha duvida que foi uma mudança esplendida.

Ha quatro annos passados, quando visitei New York, um artista de voz bonita chamou-me e me disse que era amigo de Joan Crawford. Suggeriu que tomassemos chá, juntos. Elle me disse, depois que tomamos esse chá, que elle a amava apaixonadamente, mas que ella, honesta como sempre, jamais dissera que o amava. E foi essa honestidade de Joan que a fez vencer na sua turbulenta carreira e diante dos olhos ferinamente observadores do publico.

——oOo——

O rapaz que eu mencionei, mais tarde veiu para Hollywood, tambem e fez bons Films. Chama-se Monroe Owsley e pode dizer que elle e Joan foram namorados. Ella, no emtanto, jamais cultivou falsas esperanças em seu coração e quando se apaixonou por Douglas Jr. escreveu-lhe immediatamente dando conta disso.

A vida de Joan, ao principio uma massa confusa de emoções, hoje é bonita, mas ainda não deixou de crescer. Ainda é criança. Cada vez que a vejo, digo a mim mesma: — Chegou ao final das suas possibilidades. E' uma pessoa boa como só é possivel uma pessoa só ser, no mundo!

Depois torno a vel-a. encontro novas facetas no seu todo e principalmente na luz deslumbrante da sua personalidade.

——oOo——

No Studio da M.G.M., no emtanto, achava-se uma mulher cuja vida jamais endireitára. Refiro-me a Jeanne Eagels. A grande artista de theatro que ella era, viéra a Hillywood para figurar em *Arrependimento*, com Joan Gilbert. Monta Bell, que escrevêra a historia, contractado estava para dirigil-a. Tendo fé na habilidade artistica de Jeanne Eagels, não podia elle jamais advinhar o que estava fazendo e no que se estava mettendo.

Pôr Jeanne a trabalhar, era funcção sómente cabivel dentro das energias de um Hercules. A razão já é conhecida. Uma manhã ella chegou tarde ao *set*. A scena era simples. Sentada á uma secretaria, ella apenas devia apanhar o telephone e falar algumas palavras, ao mesmo, quaesquer palavras, em summa, porque o Film era silencioso e naquelle tempo não haviam dialogos a decorar. Ensaiaram aquillo varias vezes. Ella não estava coordenando sufficientemente as cousas para poder comprehender claramente a simples cousa que se lhe pedia. Num dos ensaios ella fez a scena certa.

— Tomaremos esta !

Disse Monta Bell.

Accenderam as luzes e giraram as *cameras*. Diante das mesmas, no emtanto, Jeanne fracassou tremendamente. Já possesso com a perda de tempo e de energias com cousa tão simples, Monta Bell decidiu que todas as scenas a seguir fossem photographadas, afim de approveitarem a melhor, quando ella a fizesse. E Filmaram vinte ou trinta vezes a mesma cousa, gastando Film e luz. Ella foi comprehendendo lentamente o que tinha a fazer e lentamente, ainda, veiu sahindo do torpor mental em que estava para pensar naquillo que devia realmente fazer. Monta Bell deu um suspiro de allivio. Finalmente !

que eu conheço

Naquelle momento em que ella chegava ao ponto, no emtanto, um rapaz da publicidade que nada sabia da luta que vinha sendo aquella manhã, entrou pelo *set*. Esperou que se completasse aquelle apanhado e caminhou para a frente das luzes e antes que alguem o conseguisse deter, inclinou-se para Jeanne e lhe disse: — "Estou escrevendo sua biographia para o nosso departamento. Onde nasceu, Miss Eagels ?".

O seu rosto demonstrou claramente, a todos, o que iria acontecer. Derrotada pelo numero de repetições incrivel, nervos irritados e esmagados, voltou-se ella para o rapaz e lhe berrou com todas as forças dos seus pulmões: — "Onde nasci ? Meu Deus ! E ha quem se importe com isso ? Você me pergunta onde nasci ? E como vou eu saber isso ? Quem é que quer saber ? E' até possivel que eu nunca tenha nascido, sabe ? E' provavel que eu seja uma alma penada ! Nascida ! Nascida ! ! ! Nascida ! ! ! Meu Deus, onde foi que eu nasci ?..."

Seus berros hystericos abalaram o *set* todo. Ella ergueu-se violentamente da secretaria onde se achava e proseguiu berrando como louca: — "Elle me pergunta onde nasci ! ! !". E aquelle dia não se trabalhou mais...

——oOo——

Não ha muito eu, nos jornaes, particularmente num delles, um artigo que dizia que Lon Chaney guardava em absoluto segredo as suas maneiras de maquillagem. Particularmente aquella que usára em *Tyranno e Martyr*. Isto não é bem a expressão da verdade. Qualquer amigo que perguntasse a Lon Chaney, teria o segredo contado em troco apenas de alguns momentos de conversa e attenção. O que elle poz, na vista, para simular a repugnante catarata, foi o cocoruto de uma casca de ovo, cuidadosamente cortada e posta sobre o globo visual. Depois uma camada de gelatina feita de materia não corrosiva, era posta sobre a mesma casca e, assim, com sacrificio e soffrimentos, embora, elle conseguia um effeito admiravel para as *cameras*. Lon Chaney foi, antes de mais nada, honesto. Esta era a sua maior qualidade.

——oOo——

Havia, no *lot* M.G.M., uma outra criatura que tambem era essencialmente honesta. Por causa disso ella se complicou e complicou o departamento de publicidade todo, tambem. Chama-se ella Eleanor Boardman. Era com temor e nervoso que eu levava jornalistas ao camarim de Eleanor. Ella respondia ás perguntas com uma franqueza desconcertante e respondia, fossem quaes fossem as perguntas. Ella dizia exactamente o que pensava da vida, do casamento, do Studio, dos chefes e especialmente dos chefes de producção.

Invariavelmente o jornalista perguntava-me, ao fim da entrevista: — "Acha que eu devo ousar publicar tudo quanto Miss Boardman me disse ?". E nós, quasi de joelhos, pediamos-lhe que não o fizesse... Eleanor não ligava, no entanto. Ella achava que se o publico não a quizesse ver e comprehender como ella realmente é, então para o diabo o publico que tão insincero e falso se mostrava.

Se um dos jornalistas por acaso publicava aquillo que ella dizia, eramos chamados ao escriptorio central e soffriamos censura implacavel que terminava sempre assim: — "Por que não a fazem calar e permittem que diga cousas semelhantes ?".

Mas como fazel-a calar e não mais dizer essas cousas ? Não é possivel fazer calar uma pessoa franca que, na vida, não tem feito outra cousa senão contar aquillo que realmente sente.

Uma das pequenas mais simples e mais faceis de manejar, sob o ponto de vista "publicidade", era Anita Page, que fez a sua *entrée* em Hollywood com o pé esquerdo... Aqui está a verdadeira historia. Quando ainda vivia em New York, Anita sempre sonhou ser de Cinema. Quiz vencer nos Films. Registrou-se em varios departamentos de elencos. Depois teve um chamado de um certo "empresario" representante das producçõs Kenilworth... Fez um *test* e teve um contracto que assignou. Sua mãe e ella encaminharam-se immediatamente para Hollywood.

Em Chicago ambas estavam no hotel, esperando o momento de ir para a estação quando um homem chegou-se a ambas e se apresentou. Era o "chefe" das "producções Kenilworth". Chamava-se Harry K. Thaw.

Anita e sua mãe tomaram-se de panico. Se ellas soubessem que este notavel typo achava-se misturado com aquella companhia e jamais teria Anita assignado aquelle contracto. Mas o que poderiam ellas realmente fazer ? Deveria Anita seguir para Hollywood, ainda que sob tão inauspiciosas circumstancias ? Deveriam regressar a New York ? Mas tinham um contracto assignado... Proseguiram e, em Hollywood, tendo tomado um advogado habil, conseguiram a quebra do contracto. Anita encontrou-se então com Louis B. Mayer e convenceu-o, mesmo dentro do seu escriptorio particular, que sabia representar, chorar, rir, tudo, em summa ! Pediu-lhe que lhe desse uma opportunidade.

O departamento de publicidade enfrentou um problema difficil. Esta ligação com Harry Thaw não iria trazer uma serie de futuros dissabores ? Sua carreira não estaria já comprommettida com isso ? Elle tinha posto pequenas sob os mais horrorosos escandalos, falsos e verdadeiros. Incumbiram-me de falar a serio com Anita e conseguir della a verdade verdadeira para, depois, iniciar o departamento o trabalho nas historias que seriam posteriormente feitas.

Joan...

Nunca me esquecerei dessa tarde. Puz Anita numa situação que orgulharia qualquer policia a praticar o terceiro grau... Ameaçei-a. Envenenei a. Tornei-a maluca de afflicção. Pppellei para sua sympathia. Ella se entregou, pelos nervos, mas a sua historia sahiu, inteirinha. Contou-me, do dia em que nasceu, para diante, os seus menores passos. Eu comprehendi, então, sinceramente, que ella cahira na esparrela armada pelo habilissimo Harry Thaw, unicamente por estar totalmente na ignorancia desse facto.

Nesse mesmo momento, outros membros do departamento estavam em identica conferencia com a mãe della. As historias coincidiram. Era verdadeira, portanto. O que deveriamos fazer, então ? Convocamos uma conferencia. Muitos acharam que o nome de Thaw devia ser posto radicalmente á margem (o nome profissional della já tinha sido trocado). Nós, do outro lado, achavamos que não. Que devia ser contada a verdade, porque um dia os jornaes descobririam e, então, soffreriamos com a consequencia. A sorte decidiu que fossemos honestos e contassemos a verdade.

Ao contrario do que temiamos, a cousa sahiu esplendidamente. Os reporters acharam que aquillo era sincero e, por isso mesmo, conferiram premios e louros á pequena. Esqueceu-se isso em pouco tempo mais. Quando a vejo em Films, no emtanto, jamais posso me esquecer de que ella soffrêra, commigo, uma tarde toda de "terceiro grau"...

Mas Anita Page não foi a unica inexperiente a vir para Hollywood e ingressar para um Studio. William Haines foi outro. Tão

(Termina no fim do numero).

KEN MURRAY E EDNA MAY OLIVER EM "LADIES OF THE JURY"

PRIVATE LIVES (M. G. M.) — Mantiveram toda a elegancia dos dialogos que Noel Coward escreveu para a sua peça. E tambem esses dois caracteres que Broadway applaudiu durante alguns annos de successo. Norma Shearer e Robert Montgomery, nos papeis dos ex-marido e mulher que, tendo procurado em casamentos, com outros sêres, a felicidade, encontram-se na noite do casamento e fogem, de novo, para, depois, de novo discutirem, esplendidos, simplesmente. A's vezes é farça completa, mas os dialogos e a acção rapida do Film compensam esse aspecto. Una Merkel e Reginald Denny têm os papeis dos outros ex-marido e mulher que se casam com os dois acima citados. Norma Shearer tem um dos seus melhores papeis, neste Film, e, o que é ainda melhor — menos para menores! — apresenta-se regularmente núa... Robert Montgomery, admiravel com a sua comedia soberba. Espera-se que os pequenos não comprehendam este Film, é logico, mas de toda fórma é bom deixal-os em casa quando o forem assistir. Director: — Sidney Franklin.

LADIES OF THE BIG HOUSE (Paramount) — Quando deixar o Cinema, estará tão cansado como se tivéssem sido suas as experiencias exhaustivas pelas quaes passam os heróes deste Film. O emocionante final é qualquer cousa que não sahirá facilmente da memoria. Eis uma historia de certos angulos differentes. Trata, a mesma, das actividades das mulheres criminosas na penitenciaria. A atmosphera é soberba e a representação para lá de boa. Sylvia Sidney está simplesmente admiravel. O seu papel é o de uma pequena condemnada eternamente á prisão, por ter sida condemnada pelo assassinato de um policial. E ella nos offerece um trabalho emocionante e admiravel, mesmo, em certos pontos. Gene Raymond satisfaz, igualmente e é um artista sensivel e intelligente. A habilidade de Wysne Gibson surprehende e ella é absoluta em fazer sympathico um caracter vil. O interesse cahe raramente. O Film é realmente bom. Director: — Marion Gerin.

MATÁ HARI (M. G. M.) — Quando os "fans" de Greta Garbo a apreciarem como "Mata Hari", a espiã, terão mais uma forte emoção em suas vidas. Jamais, em toda sua carreira, ella appareceu tão insinuante, tão perturbadôra e exotica.

Tampouco jamais apresentou um trabalho assim perfeito em qualquer outro dos seus Films. Vendo-a, nesse papel, qualquer um concordará com a razoabilidade da morte dos homens que se entregaram á propria trahição apenas por um dos seus olhares. A historia é emocionante. Trata da vida da verdareira "Mata Hari", aquella que enfrentou fria e flaugmaticamente um esquadrão francez de fuzilamento, durante a guerra mundial. Muita gente, para não dizer todo mundo, conhece essa historia. E Greta Garbo sahe-se admiravelmente bem nessa historia de intrigas e ousadias, pagando, no final, com a vida a sua série de crimes de espionagem. Ramon Novarro apresenta uma personagem genuinamente Cinematographica no papel do jovem official pelo qual "Mata Hari" tudo arrisca. Nenhum outro teria podido interpretar este papel com a convicção e com a arte de Ramon Novarro. Ramon faz crer que elle seria até escravo da mulher dos seus sonhos. Lionel Barrymore e Lewis Stone, esplendidos. São exoticos e admiraveis os modelos creados por Greta Garbo nesse Film, mas Seymour, um entendido deste particular, affirma que ninguem os deve tentar usar na vida de todos os dias. O trabalho della e o de Ramon Novarro, do começo ao fim, são absolutamente magnificos. Não percam este Film esplendido e, muito menos, o novo "team" Greta Garbo-Ramon Novarro. Director: — George Fitzmaurice.

LADIES OF THE JURY (R. K. O.) — E' uma das maiores gargalhadas de toda historia do Cinema. Apesar do titulo, "Senhoras do Jury", não deixem de ver o Film que é esplendido, realmente. Revelam-se, com subtileza infinda, fraquezas femininas e masculinas. O que farão doze homens e mulheres quando fechados num quarto para julgar outro ser humano, irão os que verem este Film contemplar. Não queremos tirar o sabôr esplendido, contando. Edna May Oliver representa pelo elenco todo. Esplendida! Ha mordacidade, critica e graça

IRENE DUNE E MYRNA LOY EM "CONSOLATION MARRIAGE".

em cada scena e em todos os dialogos. O Film, além disso, é tão rapido, que dá, ás vezes, a impressão de se ter perdido alguma scena durante um ligeiro instante de distracção. Não ha malicia e nem sophisma. Tudo branco e delicado. O elenco, inclusive Roscoe Ates e Robert Mc Wade, perfeito. Todos são artistas veteranos e representam admiravelmente seus papeis. Director: — Lowell Sherman.

THE GREEKS HAD A WORD FOR THEM (United Artists) — Film cheio de malicia, elegancia e originalidade. Traquejos e manejos de tres loiras "mordedoras". Ina Claire surprehende. Jamais a vimos melhor photographada e tão bonita. A sua representação é admiravel. Madge Evans dá a impressão exacta de uma versão moça de Greta Garbo em muitos dos seus apanhados. Joan Blondell, intelligente e interessante como sempre. Chanel, a celebre modista de Paris, desenhou os modelos todos. O Film não depende da historia e, sim, das suas situações. Tres "mordedoras" que avançam em "papaes assucarados". Lowell Sherman é um delles. Como director e como artista elle merece duplo credito. David Manners vae bem o Film todo. Nem pensem em levar as crianças, mas os adultos não o devem perder.

EMMA (M. G. M.) — Sem Marie Dressler, talvez não fosse o bom Film que é. Vimol-o em sessão especial e naturalmente muita cousa será retocada e refilmada. Ganhará com isso, na certa. Marie tem um papel de criada. Ao, dar á luz o seu quarto filho, a dona da casa fallece. Marie cuida da familia com a devoção de uma mãe. A familia sobe posições sociaes. Mudam-se do "bungalow" para a "mansão". Os pequenos tornam-se modernos. Esquecem que Marie é mãe delles. Lembram-se apenas que ella é criada. Mas ella os cura disso tudo... E' julgada por causa de um crime. Nada mais adiantamos. Apenas que é alguma cousa que merece lenços, pelas platéas, pois Marie vale-se de todos os seus recursos neste Film. Director: — Clarence Brown.

DR. JEKYLL AND MR. HYDE (Paramount) — Aqui está um Film que participa directamente do duplo caracter vivido pelo seu protagonista. A parte que concerne Dr. Jekyll tem belleza e tem drama. Mas quando Dr. Jekyll torna-se Mr. Hyde, o Film muda de trajes, igualmente... O trabalho de Frederic March é esplendido e outrosim o de Miriam Hopkins. Pena que não seja um Film proprio para crianças e nem para adultos extremamente nervosos. Director: — Rouben Mamoulian.

KAY FRANCIS E CLIVE BROOK EM "24 HOURS".

Futuras

JUVENILE COURT (Ziedman Prod.) — A historia pathetica de um rapaz que imita a errada especie de heróe e crimina-se por causa disso. Não é nenhum sermão, é certo, mas reune boas licções para a mocidade. Faz pensar, Pat O'Brien no papel de um heróe contrabandista, dá bom desempenho, mas Junior Durkin, o rapaz, vence tudo e tem o Film para si. Commovente e bom. Director: — Howard Higgin.

COCK OF THE AIR (United Artists) — Billie Dove apparece-nos no papel de uma heroina parisiense da época da guerra e tão arrebatadoramente

linda que preciso é envial-a ao exilio para que os alliados possam ganhar a guerra... A historia tem os seus tropeços. Quiz ser ironica e engraçada com delicadeza, mas cahe varias vezes no ridiculo da farça e ás vezes no terreno da malicia absoluta. Ha scenas de alcova algumas bem ousadas. Emoção. Lindos vestidos. Director: — Tom Buckingham.

SOOKY (Paramount) — Continuação de "Skipp", é o que logo se vê e se sente pela semelhança das historias e dos typos. Jackie Cooper continúa sensacional. Consegue arrancar muitas lagrimas dos corações e muitos sorrisos dos labios. Robert Coogan é o mesmo Sooky. Jackie Searl no implicante villãozinho muito bem, igualmente. Boa diversão e essencialmente para a familia.

DELICIOUS (Fox)—Qualquer Film que tenha Janet Gaynor e Charles Farrell, interessa. Este recommenda-se, principalmente, por ser um espectaculo essencialmente branco. Sem Janet ou sem Charles Farrell, não valia a pena andar dois quarteirões para vel-o. A musica de George Gershwin é boa. Janet é uma pequena escoceza que tenta illudir as autoridades da immigração. Charles é um americano rico. Dêm coragem aos productores deste honesto Filmzinho vendo-o. (Foi neste Film que figurou Raul Roulien A critica do "Photoplay", que é esta, não se refere a elle. Naturalmente só lhes interessam os artistas locaes, em primeiro.) Director: — David Butler.

INA CLAIRE, LOWELL SHERMAN E OUTROS EM "THE GREEKS HAD A WORD THEM"

Estréas

THE BEAST OF THE CITY (M. G. M.) — Diversão que não é apenas cheia de intrigas e emoção, como, tambem, por mostrar a vida verdadeira da policia de uma grande cidade. Os trabalhos internos de um departamento policial com todas as suas vantagens e todas as suas agruras. Detalhes esplendidos. Walter Huston, Jean Harlow e Wallace Ford figuram e esplendidos, todos. A pequena dos cabellos de platina prova que é uma artista de facto e não uma "tinta", apenas. Walter Huston é realmente bom artista. Director:—Charles J. Brabin.

A WOMAN COMMANDS (RKO-Pathé) — E' uma pena assistir-se á volta de Pola Negri num Film de argumento tão antiquado e absurdo. Se lhe fosse possivel representar, ella o teria feito, sem duvida, porque talento não lhe falta. O seu melhor trecho é quando canta num "cabaret". A voz della é fascinante e admiravel. Basil Rathbone é seu galã. Roland Young faz o que póde de um papel fraco. Pola Negri sempre esplendida e admiravel. Vejam o Film por ella. Director: — Paul L. Stein.

DOLORES DEL RIO, LEO CARILLO E EDNA MURPHY EM "THE GIRL OF THE RIO".

BILLIE DOVE E CHESTER MORRIS EM "COCK OF THE AIR".

POLA NEGRI E ROLAND YOUNG EM "A WOMAN COMMANDS".

THE WOMAN FROM MONTE CARLO (First National) — De lado o esplendido trabalho de Lil Dagover e dos seus predicados artisticos indiscutiveis, o seu primeiro Film americano não é sensacional. Podia ter sido a mesma esplendida e maliciosa criatura num drama menos falado e melhor do que este. Ella tem o papel de esposa de Walter Huston, commandante de um navio no qual se passam as principaes scenas do Film. Os navios incendiados trarão emoção, certamente, mas o argumento enfada. Warren William tem um esplendido desempenho. Director: — Michael Curtiz.

UNION DEPOT (First National) — Um pouco differente do usual, este Film é digno do tempo que qualquer pessoa perca assistindo-o. Douglas Fairbanks Jr. dá saltos e faz proezas que lembram seu pae, nos bons tempos. Joan Blondell é melhor em papeis menos sérios e mais alegres, mas está bem como heroina. Director: — Alfred E. Green.

MANHATTAN PARADE (Warners) — Winnie Lightner e Charles Butterworth devem ser mais do que sufficientes para o elenco de qualquer Film, mas este, além delles, tem a dupla de "vaudeville" Dale & Smith. E' uma esplendida comedia. As risadas virão tão inesperadas quanto policiaes em momentos não esperados... Louis Alberni optimo no papel do empresario maluco. Uma comedia technicolor que póde ser vista. Director: — Lloyd Bacon.

UNDER EIGHTEEN (Warner) — Marian Marsh póde ser felicitada pelo seu primeiro Film como "estrella". A velha historia da innocente modelo e do ricaço, com feição moderna, agrada e apresenta lindos vestidos. Anita Page é a irmã e está esplendida, igualmente. Norman Foster, no papel do velhaco do bilhar, muito bom. Regis Toomey e Warren William tambem figuram com successo. Director: — Archie L. Mayo.

BAD COMPANY (RKO-Pathé) — Fita de contrabandistas um pouco differente. Helen Twelvetrees e Ricardo Cortez em papeis esplendidos.

THE CISCO KID (Fox) — Warner Baxter fará palpitarem os corações das pequenas de fórma dobrada, neste Film de aventuras. O assumpto não é novo, mas o tratamento é. Director: — Irving Cummings.

CONSOLATION MARRIAGE (R. K. O.) — Não percam este Film realmente malicioso e interessante. Irene Dunne e Pat O'Brien esplendidos nos seus respectivos importantes papeis.

GIRL OF THE RIO (R. K. O.)—A versão falada de "The Dove", ha annos feito com Norma Talmadge no principal papel, marca uma volta triumphante para Dolores Del Rio. Prova, o Film, que ella é uma artista realmente excellente e uma das maiores e mais sensacionaes bellezas da téla. O Film é muito boa diversão. Leo Carillo, no papel do villão "Caballero" e Norman Foster como "Johnny" do coração de Dolores, estão esplendidos. Mas o Film é de Dolores e ella o rouba inteirinho para si. Director: — Herbert Brenon.

Era um moço moreno, vigoroso, simples. Trazia os trajes do exercito da salvação. Chamava-se Carl e era o capitão daquelle sector. Ivy pouco entendeu do que elle lhe disse sobre Deus, Infinito, Esperança. Desconhecia tudo isso. Howard e sua trahição martellavam-lhe ainda o cerebro. Mas a palavra de Carl fôra segura, directa, firme Não o resistiu. Acompanhou-o e aos outros salvacionistas. Era provavel que no dia seguinte já não mais se lembrasse de tudo aquillo. Mas naquelle momento sabia apenas que se quizéra matar e um homem numa farda exquisita a impedira.

(Laughing Sinners) — Film da M. G. M.

JOAN CRAWFORD	Ivy
Neil Hamilton	Howard
Clark Gable	Carl
Marjorie Rambeau	Ruby
Guy Kibbee	Cass Wheeler
Cliff Edwards	Mike
Roscoe Kearns	Fred Geer
Gertrude Short	Edna
George Cooper	Joe
George Marion	Humpty
Bert Woodurff	Tink

Director: — **HARRY BEAUMONT**

* * *

Bailarina de cabaret, Ivy, de seducção em seducção, de resistencia em resistencia, de investidas em investidas, acabou amante de Howard Palmer, um caixeiro viajante.

Foi um desses amores rapidos, violentos, arrebatadores. Para ella, Howard tinha as qualidades necessarias. Para elle, Ivy era a mulher mais maluca que elle já conhecêra, deliciosa, perfeita, arrebatadôra!

E foi uma paixão cheia de ardor, ternura e loucura. Ambos! Ella a espera da hora de findar o espectaculo para estar nos braços delle. Elle, ancioso pelo instante de a ter ao encontro dos seus labios, para lhe sentir mais uma vez a frescura da pelle ao encontro do rosto e o calôr dos labios num beijo longo e afogueado.

E assim viveram algum tempo sob a proteção declarada da felicidade.

Um dia, terminando a funcção do cabaret, entrando ella no seu camarim como sempre afflicta para encontrar a ternura amorosa de Howard, encontrou, em logar delle, um bilhete. Laconico. Simples. Mau.

— Nosso amor não pode continuar. Caso-me. Adeus para sempre. Howard.

Só.

Em torno della tudo se fez **flou**. Seu cerebro enfraqueceu, subitamente, não raciocinou mais. Apenas uma cousa lhe ficou martellando os ouvidos.

— Adeus para sempre...

E em cima disso, a revolta!

— Mas foi elle que me encontrou decente. Seduziu-me. Fez-me crer na vida. Arrebatou-me em seus braços. Howard!!!

E sahiu. Começou a andar pelas ruas sem rumo, pensando sempre.

— Howard... Seria troça? Seria pilheria? Não. Ha dias que ella o notava exquisito... Casar-se-ia... Com outra mulher!

Correu. Só parou quando estava proximo á uma ponte de altura grande. Seus olhos fixaram o correr das aguas, lá em baixo. Recebeu, de lá, o occeno do destino.

— Vem!

Sentiu que braços impiedosos a agarravam e poz-se, num salto, do outro lado do balaustre. Mas quando se ia atirar, dois braços vigorosos a mantiveram onde estava. Depois, vigorosos, sempre, puxaram-na para cima e puzeram-na em terra.

— E' moça ainda. Não o faça! Para que?... Alcançar o que?...

Dias se passaram e o espirito de Ivy se foi modificando. Carl lhe falava todos os dias. Eram conselhos. Palavras de incentivo. Animação. Brandura. Sympathizou-se com elle, moço, cheio de vida, dedicado á uma vida tão ingrata, tão obscura.

— Quero que você o deixe, Ivy, porque eu a quero para minha esposa. Acceita?

Nesse momento acclarou-se o espirito da antiga bailarina de cabaret. Comprehendeu a doçura daquellas palavras. O raciocinio daquella attitude: A belleza daquelle gesto.

Supplantou a materia com o espirito.

Esqueceu Howard.

Entregou-se, feliz. aos braços e ao amor honesto e confortador de Carl.

Elle a convenceu, depois, a entrar para o exercito como uma das irmãs. Ella acceitou. Já nada negaria aquelle homem. E quando encetou as suas caminhadas de conselhos e animação a outros, começou a se esquecer das proprias miserias e soffrimentos...

* * *

Um anno se passa e mais Ivy se radicalisa no meio daquelles homens e mulheres que procuram e esperam melhorar a situação da vida. Mas um dia, sem que o espere, surge na sua frente a figura de Howard, novamente...

Para Howard, Ivy ainda está mais interessante. Aquellas roupas lhe dão mais sensualismo, até... Sente cheiro de pureza nas suas vestes e delira quando sabe que depois da sua partida ella entrára para o Exercito. E, de novo, começa a seduzil-a sem preambulos.

Para Ivy, o choque é tremendo. Aquelle homem, apesar de tudo, sempre existira em sua vida. Nunca o conseguira esquecer. Se Carl era o dono da sua alma, Howard tinha todo seu corpo. Era a luta da materia contra o espirito. E Ivy sentiu-se violentamente inclinada para Howard. A força de Cárl, sobre ella, era sobre a alma e a materia sempre vence...

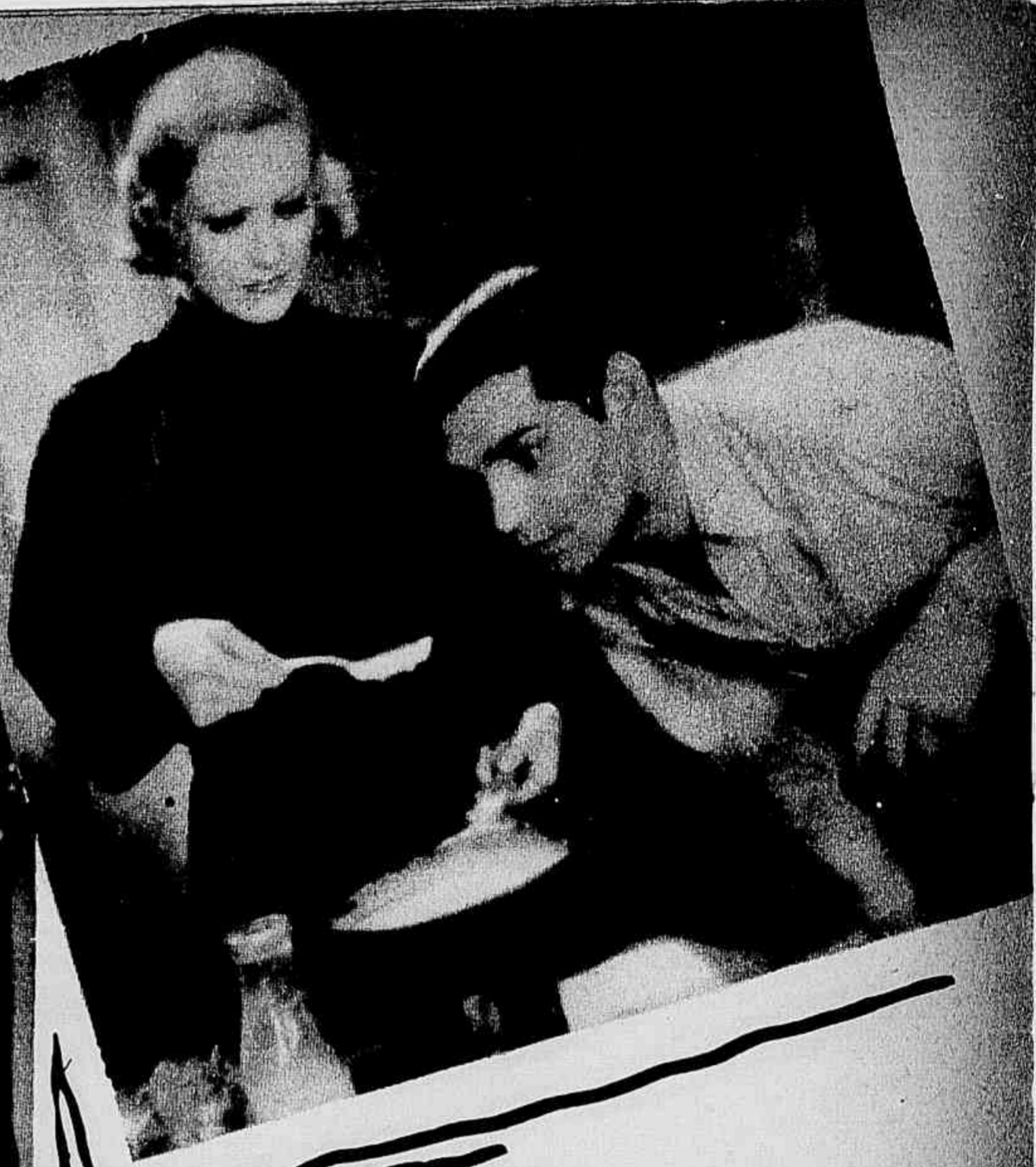
Mas a teimosia e persistencia de Carl mais uma vez venceram. Ella comprehendeu a situação. E num momento, depois de castigar Howard bem castigado, Carl terminou a situação, de vez, enlaçando-a e lhe dizendo, com a firmeza de todos seus passos e todas suas attitudes.

PECCADORAS...

Quando o Mexico beijou a Suecia...

(Conclusão do numero passado).

Durante as conferencias que tinhamos com George Fitzmaurice, no **set**, Greta Garbo jamais se mostrou arbitraria nos seus pedidos. Suas idéas são razoaveis e trazem ponderação. Ella tem uma comprehensão perfeita do que seja a technica Cinematographica e sendo qualquer cousa boa para o Film, immediatamente ella tambem a acha boa para si. Muitas vezes ella terminou algumas conversas que degeneravam em discussão com alguma piada. Aliás o seu senso de humor é muito digno de nota. Ella gosta muito de brincar com quem com ella trabalha. Interessa-se, além disso, pelo mais simples detalhe da producção e aprecia seu trabalho e sua arte com veneração, como devem fazer aquellas que se prezam de serem artistas.

Quando terminamos a nossa **primeira scena**, o operador de **stills** poz sua machina em fóco para tirar o primeiro **still** do Film, igualmente. Nelle appareciamos juntos. Posamos á entrada da alcova onde jogamos nossas scenas de amor. Sentimo-nos, naquelle momento, subitamente conscientes de nós mesmos. Ella me observava como que a ver se eu estava procurando um meio de me apropriar da photographia, collocando-a mal, com ardil. Mas quando ouvi o ruido secco do obturador dando o signal de que estavamos photographados, rimo-nos um para o outro. Naquelle momento comprehendi perfeitamente que ella não era falsa e, sim, uma das mais sinceras criaturas que já tenho encontrado, em minha vida.

No dia em que Filmamos as scenas longas do appartamento de **Mata Hari**, ella trajava aquelle vetido admiravel feito de centenas de leitos. Creio que o mesmo pasava para lá de cincoenta libras. Seria extremamente fatigante trabalhar com elle, tenho disso certeza, principalmente por estarem sendo Filmadas apenas scenas longas e, todas ellas, caminhadas, andando, ou seguida pela **camera** em movimento. A's cinco ella começou a dar signaes visiveis de estar seriamente cançada. Fitzmaurice estava querendo tirar a mesma scena de um outro angulo, quando viu Greta Garbo tirando dos cabellos os alfinetes. Sorriu amavelmente para todos nós, disse-nos boa noite e nos avisou de que na manhã seguinte, ás nove, estaria de volta. Não deu palavra de explicação ou desculpa. Mas no dia seguinte veio de facto as nove e trabalhou até as cinco. Aliás isto aconteceu ainda algumas vezes. Quando ella dizia "agora eu vou para casa!", ia mesmo. Sempre teve uma independencia e uma coragem para agir que aprendi, depois da impressão má, a comprehender e a estimar.

A sua intensidade emotiva é genuina. Os seus papeis, vive-os ella com uma metamorphose radical do seu "eu." Trabalhar com ella é ter inspiração. Temperamental? Não. Ella é mais uma menina do que uma mulher.

Não sei o que o publico que nos admira, pelo mundo todo, pensou de nós quando as noticias nos deram trabalhando no mesmo Film. Uma cousa, no emtanto, eu garanto: — foi, da minha vida artistica toda, a mais grata experiencia.

Arlindo Velloso é um dos fundadores da S. B. C. A., que irá filmar dentro destes dias.

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

QUESTÕES TECHNICAS

V — Os Titulos

A popularidade da Kodak Autographica, camara photographica, tem provado que o photographo está sempre inclinado a esquecer aquillo que escolhem para assumpto do seu trabalho.

Todas as photographias deviam trazer um titulo e uma data. Este facto ha muitos annos que já constitue uma vantagem. De identica fórma, o mais modesto dos photogramas deveriam, pelo menos, ser identificados por uma informação sobre o incidente, o local, a data e os actores.

Recentemente, todos os cinematographistas profissionaes têm procurado produzir **titulos artisticos,** alguns dos quaes encerram até mais arte do que propriamente titulagem. Esses **titulos** acrescentam bastante ao successo de um grande photodrama, quando não são demasiado floridos. Para o Amador, seriam porém e apenas desnecessarios. No entanto, não seriam difficeis de se confeccionar, se o operador o deseja, tratando-se apenas de um simples trabalho de dupla-exposição; ao nosso vêr porém, o mais legivel e artistico dos titulos **para o Amador** continúa sendo uma legenda em branco, sobre um fundo negro, arrodeada por uma simples e artistica margem.

O perfeito Film de Amadores não deveria requerer outros titulos além daquelles que fazem a apresentação da pellicula; nós porém, infelizmente, ainda não chegámos a essa perfeicção, e os titulos têm que ser incluidos. Como elles são no entanto, auxilliares e principalmente incidentaes, deveriam p o s s u i r um "quê" caracteristico antes de mais nada. Ahi está a regra. Elles precisam ser lidos no menor espaço de tempo possivel, e deveriam, portanto, ser definidos claramente, por meio de uma legenda concisa, atravéz de um fundo montado, em contraste perfeito com o branco das letras. Elles deveriam ser breves, concisos, e acima de tudo, legiveis. Alguns cinematographistas, productores de titulos artisticos, têm dito que muito ou demasiado contraste acaba prejudicando o effeito.

Não concordamos com isso que ahi fica. Do mesmo modo que o proprio typo das letras, as linhas que o compõem, assim como a margem do titulo, são desenhados em um estylo quasi delgado, cortando-se todos os angulos e eliminando-se toda e qualquer fantasia; e quanto maior o contraste, melhor o titulo! Quanto mais brancas forem as letras e mais negros os fundos, mais legiveis serão os titulos contanto que se evitem quaesquer effeitos prejudiciaes, causados pelo **halo**. As letras grossas, pesadas, espalham demasiada luz sobre a téla, produzindo effeitos de **halo** embora não se dê o mesmo com o Film. Neste caso, a perfeicção das margens fica prejudicada, e a legibilidade dos titulos diminuida.

Em regra geral, os Films produzidos pela maioria dos Amadores serão apenas copiados uma ou duas vezes no maximo. Neste caso emprega-se um truc para a execução dos titulos, o qual apresenta até algumas vantagens. Esse methodo não é, porém, adoptavel a toda e qualquer fórma de Film para Amadores, nem muito menos, ao processo de inversão para o qual seria apenas cousa de prejuizos, nada se tendo a ganhar com a sua applicação.

Desenhe-se o titulo em um cartão de 10 por 12 pollegadas. Em vez de se empregar o processo usual, e desenharem-se letras sobre fundo branco, utiliza-se a inversão, e assim desenham-se letras negras sobre um fundo branco. Carregue-se a camara com Film positivo. A emulsão empregada sobre a pellicula positiva é mais contrastavel do que a outra, empregada sobre a pellicula negativa. Além disso, a emulsão positiva pode ser comparada com aquella usada no processo photographico para as placas. Esse processo torna possivel obter-se facilmente um titulo bom, claro, perfeito, visto como os processos para placas photographicas são os methores para a photographia de letras e palavras.

Assim pois, photographa-se o pequeno cartão e revela-se o Film. O negativo resultante mostrará letras brancas sobre um fundo negro, e a pequena tira de Film poderá ser intercalada directamente no corpo da pellicula, sem haver necessidade de copial-a. Fazendo-se assim, é preciso apenas cuidado para que o lado de celluloide do titulo corresponda com o lado da emulsão da scena Filmada. Com isto, assegurar-se-á a leitura correcta da legenda. Si se empregasse o methodo usual, a legenda sahiria invertida. A differença de fóco entre as duas emulsões não será notada sobre uma téla pequena. Sobre telas maiores, no entanto, a pouca espessura do Film necessitará de uma correcção do fóco para os titulos, de modo que o processo que acabamos de descrever só é adoptavel para as projecções em casa.

A producção de bons titulos só é possivel com o emprego de uma mesa para titulagem. Se porém, como nos parece, conhecemos realmente um tanto dos nossos Amadores, poucos procurarão seguir esta suggestão.

E' preciso fazer notar aqui que, com o uso das camaras para Amadores taes como a Motocamara Pathé, a Cine-Kodak a Agfa, etc., todos os titulos devem ser photographados na sua propria sequencia, porque a inserção de legendas não seria pratica. E quando se emprega o Film de 16 millimetros, é preciso tambem fazer notar que os titulos devem ser brancos sobre fundo negro, porque este Film é revelado pelo processo de inversão, e assim, o emprego de titulos negativos seria desnecessario e indesejavel.

Para os titulos, é sempre indispensavel usar-se um comprimento qualquer de Film, o qual seja mais ou menos "standar" e immutavel. A regra para o profissional commum é o emprego de um pé — trinta e tres centimetros — por palavra para as dez primeiras palavras, e meio pé por palavra para todas as outras palavras seguintes, com um minimo de cinco pés por titulo. Este calculo é feito porém para o Film standard de 35 millimetros, e não para Amadores. Cuidado, portanto. Seria preferivel substituir cada palavra por um pé de pellicula, e neste caso a regra applicar-se-hia a toda e qualquer especie de Film de 16 millimetros, o qual se considera hoje como o Film "standard" para Amadores.

A redacção dos titulos é na realidade uma arte. Supponhamos que, em um Filmzinho domestico que estamos fazendo, o caçula da casa corta o dedo e corre para dizer isso á mamãe. O "productor", cégo pelo desejo de attingir os mais altos degraus da Arte com o seu primeiro Films, incluiria qualquer tolice desnecessaria tal como a seguinte que imaginavamos para exemplo:

"Levado pelos impetos incomprehensiveis daquella liberdade infantil, Chiquinho, o caçula da casa, idolo da sua querida mamãezinha, ao procurar a toalha no banheiro, encontra a navalha do seu papae. Pensando ser já um homem, e poder assim usar aquella navalha, elle trata de fazer uma operação em si mesmo, porém, ao abrir a lamina da navalha, produz com ella um corte no dedo. A vida, em um instante, passa da alegria para a tragedia, e assim elle corre para esse eterno porto de abrigo que os braços de uma mãe representam para a infancia."

Agora digamos com franqueza. Durante quarenta segundos teremos que prestar attenção a esta salada, e um vigesimo da bobina será gasta apenas com a Filmagem disto. Titulos da qualidade deste são familiares ao Amador. Queremos dizer que é até muito commum gastarem-se quarenta pés de Film estragando com isto o Film. Mas o Amador deve procurar antes de mais nada economizar o Film, insertando um titulo como este, que só occupa dois segundos:

"Chiquinho e Mamãe"

Dois segundos representam porém apenas um instante, e por isso, praticamente todo aquelle que não esteja ao par do que o Film significa não poderá comprehendel-o, visto que pouco significaria. Um titulo perfeito exigiria portanto um minimo de cinco segundos, com cinco palavras claras, sendo que talvez até pudessemos empregar um pouco mais, visto que se temos que usar titulos, elles pelo menos precisam attingir o seu proposito. Para ser portanto de algum valor, esse titulo precisaria que fosse redigido mais ou menos como aqui vae:

"Chiquinho Corta o Dedo"

A acção mostra que o dedo foi cortado, e que elle vae procurar a mãe para mostrar-lhe o corte. O nosso Film está interessado com a solicitude materna, e por isso a questão do corte tem que ser de pouca duracção. Todos nós sabemos o que representa uma criança para sua mãe. Toda criança procura naturalmente a sua mãe em momentos de afflição. O titulo serve para chamar a attenção da audiencia para o facto de que alguma coisa acaba de acontecer, e tambem para a natureza geral do occorrido, o que sera mais necessario. Não se deve contar o desenrolar da nossa historia por meio de titulos; representaria não só um insulto á intelligencia do publico, como uma prova, da nossa parte que somos nós mesmos que não temos capacidade para apresentarmos uma historia por meio da pantomima. E' preciso que o publico utilize o seu cerebro. O proposito do Amador deve ser apenas indicar o caminho geral que a idea do publico precisa seguir.

Muitos studios importantes empregam titulos dactylagraphados para a edição e outros usos de maior importancia. Neste caso, dactylographe-se o titulo de que se necessita, e photographe-se a uma distancia muito curta. O titulo resultante será branco sobre fundo negro ou si se empregarem titulos negativos, sahirá branco sobre fundo negro. Embora sem serem demasiado attrahentes, esses titulos servirão ao seu proposito.

Todo Film precisa ter um titulo de apresentação, o qual será o verdadeiro titulo do Film, tal como os subtitulos serão explicações apenas, a respeito do desenrolar da historia

Finalizando, a não ser que o nosso Film tenha sido feito da mais perfeita fórma dramatica, é preciso acrescentar ao fim do rolo mais ou menos uns cinco segundos do titulo que aqui segue:

"Fim"

Inclúe-se assim um "que" inconfundivel de finalidade, que terá até preciso, porque de outro modo a audiencia pensaria que o Film tinha sido partido, e continuaria pacientemente sentada, esperando pelo resto da projecção.

Dorothy
Jordan

Juliette
Compton

"Lily"
Tashman

DOIS MODELOS
DE MARION
DAVIES...

ROSE
HOBART

CINEARTE

Anitinha Page...

Pergunte-me outra...

E. BOSELLI — (Rio) — A familia delle toda mora ahi e Ivan Villar sempre está ahi em Nova Iguassú. Vou ver o que posso fazer por você, sim. Não, nada está Filmando. Byington & Cia., Largo da Misericordia, S. Paulo. A causa? Não ha causa alguma, amigo Boselli. Tem trabalhado em outras cousas e não tem podido figurar em Films, apenas isto. Aguarde as novidades, brevemente. Adeus e até á "outra" Boselli.

FERREIRINHA — (Bello Horizonte — Minas) — Não diga importuno, amigo Ferreirinha. Nesta secção ninguem é importuno, pode crer. E eu logo conheci a sua letra. Então **Mulher** esteve ahi, já? Tem razão, ella ficou acanhada, sim e aquillo foi até "milagre" conseguir-se della. Mas é que esse systema é antiquado e ninguem mais usa apresentar os artistas assim, meu amigo. Foi a unica razão de assim não se ter feito. E' disso que se está cuidando e as novidades, em breve, encherão todo studio da **Cinédia**, pode crer. Pode visitar, sim e no momento que queira. Escreva-lhe para **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio. Volte quando quizer, Ferreirinha.

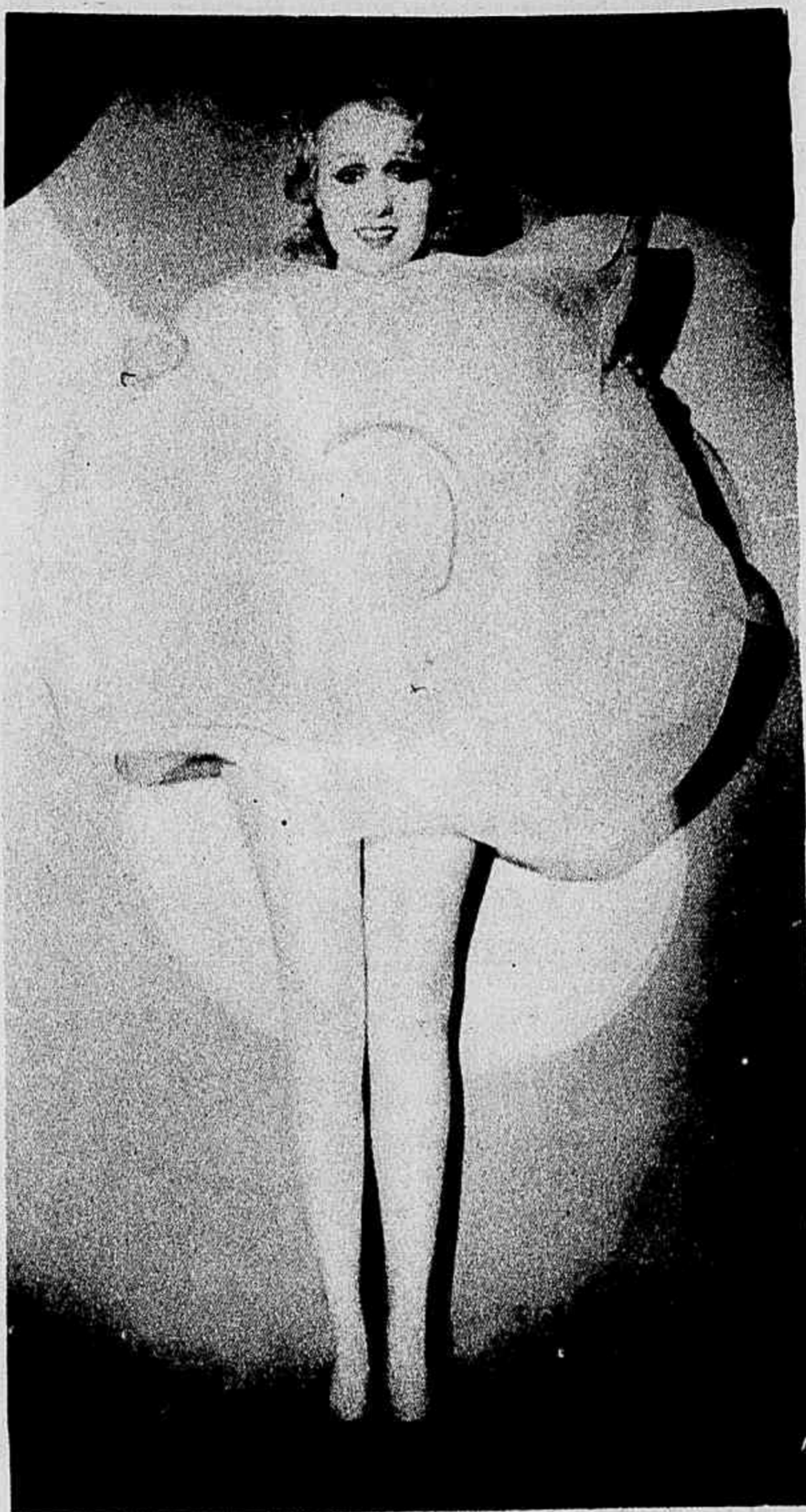
OLAVO B. M. — (Belém — Pará) — E' logico: — esta secção começa que não tem cesta e, segundo, todos são bons amigos, aqui. Informações dahi mesmo avisaram que o tempo não se prestava para a ida do **unit**, por causa de chuvas, etc. Mas não se preoccupe que a **Cinédia** irá até ahi, sim. **Onde a Terra Acaba**, que está em vias de conclusão, irá até ahi, naturalmente. Carmen Santos, Celso Montenegro, Ernani Augusto, Carlos Eduardo, Carmen Violeta, Carlos Eugenio e Francisco Bevilacqua seus interpretes principaes. Volte quando quizer, Olavo.

MIMI — (Guaratinguetá — S. Paulo) — Errei?... Mimi não será Melindrosa?... Em todo caso, Mimi ou Melindrosa, com o mesmo gosto eu respondo. A sua letra ficou um pouco menor e o papel é sempre o mesmo, com um perfumezinho que a gente conhece... Pois é um "dedinho" que eu muito preso. Não é inconstancia, Mimi. E' uma cousa que é preciso observar. Umas abandonaram o Cinema. Outras não têm photos modernas. Eis porque não se publicam mais cousas. Até logo, Mimi.

A. N. ROMERO — (S. Paulo) — A Warner Bros. e a First National, fabricas que pertencem aos mesmos productores mas trabalham com programmas artisticos independentes, têm seus Studios em Burbank, California. Constance Talmadge deixou o Cinema. Dorothy Mackaill, First National Studios, Burbank, California.

FAN-ATICO — (Ribeirão Preto — S. Paulo) — Pois olhe que você não é o primeiro que quer bater esse "record"... Zézé Sussuarana, de Jacarehy, affirma que será elle... Como é que vae ser? De toda forma, a mim só me darão prazer as suas cartas. Sim. **Dilicious** já está nas telas norte-americanas. Janet Gaynor e Charles Farrell são os principaes. Em seguida, Raul Roulien e El Brendel. Clark Gable tem mais ou menos trinta annos. **Tentações do Luxo**, foi aquelle em que teve um papel mais saliente. **Ganga Bruta** será a primeira producção **Cinédia** para 1932. Mas lançará, talvez antes, mesmo, a producção de Carmen Santos, **Onde a terra acaba**, que a tem como **estrella** e Celso Montenegro como galã. Predicados para ser artista de Cinema, amigo Fan-Atico, propriamente não existem. Basta um rosto favoravel ás lentes e, na pessoa, aquelle toque de personalidade que Elinor Glyn chamou de **it**. Apenas isto. A altura, não ha duvida, influe. Para mais de 1 metro e 80, sempre. A's vezes, com 1 e 70 já passa, tambem, precisam ser impeccaveis! A instrucção não influe muito nisto. Ha muito galã de Hollywood que não vae muito além da bossalidade. Mas é logico que certa cultura jamais desfavorece e, sim, ajuda. Volte quando quizer, Fan-Atico.

LUDWIG — (P. do Sul — Rio) — Para que? Prefiro continuar como "Ravengar", sempre invisivel... Lembra-se desse Film? Gostei. Você caprichou nesse trecho... Aliás as suas cartas são todas ellas modernas, agitadas e realmente interessantes. Respondi todas as cartas suas que li. "Tenha calma"... Ludwig! Pois eu gosto de responder: — 1.° — Lily Damita é franceza. Fala portuguez, perfeitamente, mas é franceza. Ha sempre uma "cunhada" ou uma "prima" que todo mundo conhece... Não ligue a isso. Antonio Moreno é hespanhol de Madrid. Lú Marival agradece. Não lhe dei o abraço, mas transmitti-lhe a sua admiração de **fan**. E você tambem leve lá um de quebrar costellas. Volte, Ludwig!

KARL HEINRICH — (Belém — Pará) — Foram todas respondidas e estão sendo publicadas, Karl. Você está ficando um bom amigo e eu sei presar tudo isso. Você é realmente curioso no seu modo de escrever e qualquer carta sua presta-se para uma reproducção. Aquelle é o Alves da Cunha e não Alexandre Azevedo. **Hotel Imperial** não foi de Ludwig Berger e, sim, de Mauritz Stiller. Sim. **O Café do Felisberto**, que o Fróes interpretou varias vezes. Elle escreverá o scenario, sim. Aliás já tem um prompto. Haverá, possivelmente. Opportunamente ella será augmentada. Gonzaga não se esquece disso principalmente. Volte quando quizer, Karl Heinrich e, mesmo, "até logo!"

LUIZ SORÔA — (Canindé — Ceará) — Antes de mais nada é preciso que mande seus retratos e endereço. Depois, que aguarde sua opportunidade. Não se arrisque e nem commetta uma temeridade. Ande com calma. A distancia que o separa daqui é, realmente, uma cousa quasi prohibitiva para o seu ideal. Mas deve confiar e esperar, porque é possivel que tenha sorte e seja chamado. Ahi, então, virá com socego e certeza. Escreva-lhes. Carmen Santos, Carmen Violeta, Celso Montenegro, Ernani Augusto, **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio. Luiz Sorôa, escreva-lhe aos cuidados desta redacção.

SYLVIA — (Rio) — A affluencia foi grande e demos mais 10 dias de praso para as respostas porque dos Estados chegavam muitas e atrasadas, naturalmente, pela distancia. E o resultado deve estar no numero de hoje.

MURILLO B. P. — (Bello Horizonte — Minas) — Ken Maynard, Tiffany Studios, Hollywood, California. Tom Mix, Universal Studios, Universal City, California. Tim Mc Coy, Columbia Studios, 1438, Gower Street, Hollywood, California.

CUPIDO SEM FLEXAS — (Rio) — Raul Roulien, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California.

YVONNE — (Bello Horizonte — Minas) — 1.° — Norma Shearer, M. G. M. Studios, Culver City, California. 2.° — Joan Crawford, idem. 3.° — Greta Garbo, idem. 4.° — Robert Montgomery, Idem. 5.° — Charles Rogers, Paramount Studios, Hollywood, California. **CINEARTE**, rua Sachet 34.

SYLVIA ARAUJO — (Campina Grande — Parahyba) — Gonzaga entregou-me sua carta para responder, Sylvia. Foram recebidos os cartões e eu respondi o meu pelo **CINEARTE**, leu? Por que não lhes escreve? Carmen Violeta, Carmen Santos, Lelita Rosa, Decio Murillo, Déa Selva, **Cinédia Studio**, rua Abilio 26, Rio. Até logo, Sylvia.

HEIVISU — (Valença — Rio) — Recebidos e grato. Quando quizer e puder, mande. Faz muito bem e se todos tivessem o seu enthusiasmo, já estariamos com o Cinema Brasileiro bem longe! Pois escreva quando quizer. Aquelle artigo tem sido commentado assim, felizmente e todos apreciaram, mesmo. Possivel, sim. Mande. Até logo, Heivisu e continue amigo.

CHARLES BOW — (Recife — Pernambuco) — Sim, ella se casou secretamente. Antigamente houve duvidas e ella propria desmentiu. Mas estão casados, afinal e é de se esperar que Clarinha agora tome juizo... Agora imagine quando todos nossos Films forem assim! Nem tenha duvidas quanto ao successo e continúe enthusiasta. Absolutamente não aborrece, não. 1.° — Possivel, é, mas não tão facil, principalmente por estar muito longe daqui ou de S. Paulo, presentemente os centros em actividade. De toda forma, mande sua photographia e seu endereço. Não deve desanimar. Se, por exemplo, arranjasse uma collocação aqui, seria mais facil trabalhar. Mas não dê passos em falso e nem precipitados. Tenha paciencia. 2.° — 1906. 3.° — Endereco certo elle não tem, mas escreva para Rex Bell, Universal Studios, Universal City, California e naturalmente elle servirá de carteiro. 4.° — O "stock" soffreu crise, mas publicará assim que seja possivel. Até logo, Charles.

LIANA — (C. — R. G. do Sul) — Pois, Liana, aqui me tem, amigo e camarada como sou de todas e todos. Além disso você é muito interessante e sua carta é toda uma agitação de mocidade, sangue ardente e Brasileirice unica. Pois quem lhe quer dizer "tinha razão", sou eu. Ernani Augusto agora anda numa serie de Films e terá a "chance" que elle sem duvida merece. O segundo deixou Cinema. Sim, elle era o melhor typo, mesmo e foi pena. Mas... o que fazer? Ernani responde sim e já tem alegrado muitas **fans** com os retratos esplendidos que manda. **Cinédia Studio**, rua Abilio, 26, Rio, é o endereço delle. Qualquer confidencia, Liana. Mas por que todo esse nervoso de escrever e mandar a carta? Ora essa, Liana! Faz bem e é issó mesmo: — commodidade! Não diga isso: — você será, então, a Janet Gaynor da secção, quer?... Pois elle palpita certo. Vou falar ao Ernani, sim. Eu sei o que aconteceria se elle soubesse. Mas não saberá, não é? Até logo e até "outra", Liana.

DOVEMORRI — (Rio) — Ando muito cheio de correspondencia, mas não deixo nenhuma carta sem resposta. Apenas sei que Julio de Moraes mandou uma proposta a casa Byington para fazer um Film tendo Lia como **estrella**. Mas isso, ha já dois mezes. Déa e Lelita, **Cinédia Studio**. E... cinco perguntas de cada vez.

MARIALVA — (S. Paulo) — Tenha calma. Você verá um Film novo de Lelita Rosa mais cedo do que pensa...

RANULIA — (S. Salvador) — Satisfação por ter gostado do novo **CINEARTE**. E não ha duvida, guardarei o segredo...

GILBERTO DE SOUZA — (Porto, Portugal) — Com muito prazer, mas o seu endereço?.

DIABO BRANCO — (S. Salvador) — Já se tem explicado varias vezes. Os americanos em geral tem secretárias para isso e o studio lhes facilita todo o material. Aqui, falando francamente, photographia, sellos, envelloppes etc. para 30 retratos já é um dinheirão...

AMY SWEET — (Maceió) — Nenhuma carta fica sem resposta. **Mulher** ainda passará ahi. **Mata Hari** já foi até exhibido. Escreva-lhes pedindo directamente. E Marlene colorida já sahiu.

WESNIMGOS — (Sorocaba) — Vão ser analysadas na secção respectiva. Agradecido pelo recorte. Então a empresa Caracante que ahi possue tres Cinemas só passa fitas velhas? Quanto ao resto, dias virão que as cousas estarão como deseja.

OPERADOR

A tela em revista

OS NOVOS RICOS (Five and Ten) — Flim da M. G. M. — Producção de 1931.

Quem esperar Marion Davies num Film como "Travessuras do Amor" ou "Papae Solteirão", quando fôr assistir este, engana-se. "Os Novos Ricos" apresenta uma differente Marion Davies. Linda. Esplendida artista dramatica. Em algumas sequencias engraçada como sempre foi e principalmente linda, repetimos. Deve-se o milagre a Robert Z. Leonard, com certeza. Elle escolheu seus melhores angulos. Pol-a sempre nellas e, assim, Marion tem "close ups" dignos de beijos e momentos de fascinar, mesmo. como naquella sequencia com Leslie Howard, no seu quarto, quando ella está naquelle "desabillée" e elle a apanha para beijar. O Film, aliás, é todo elle profundamente sensual e interessantemente malicioso, ás vezes. Não fosse Robert Z. Leonard o director, um homem que dia a dia mais se firma e melhor director se torna.

Muito deve o Film, tambem, ao scenario do infelizmente fallecido A. P. Younger, um dos scenaristas mais intelligentes de Hollywood. A continuidade deste Film é esplendida e approveita com rara precisão o bom thema de Fannie Hurst.

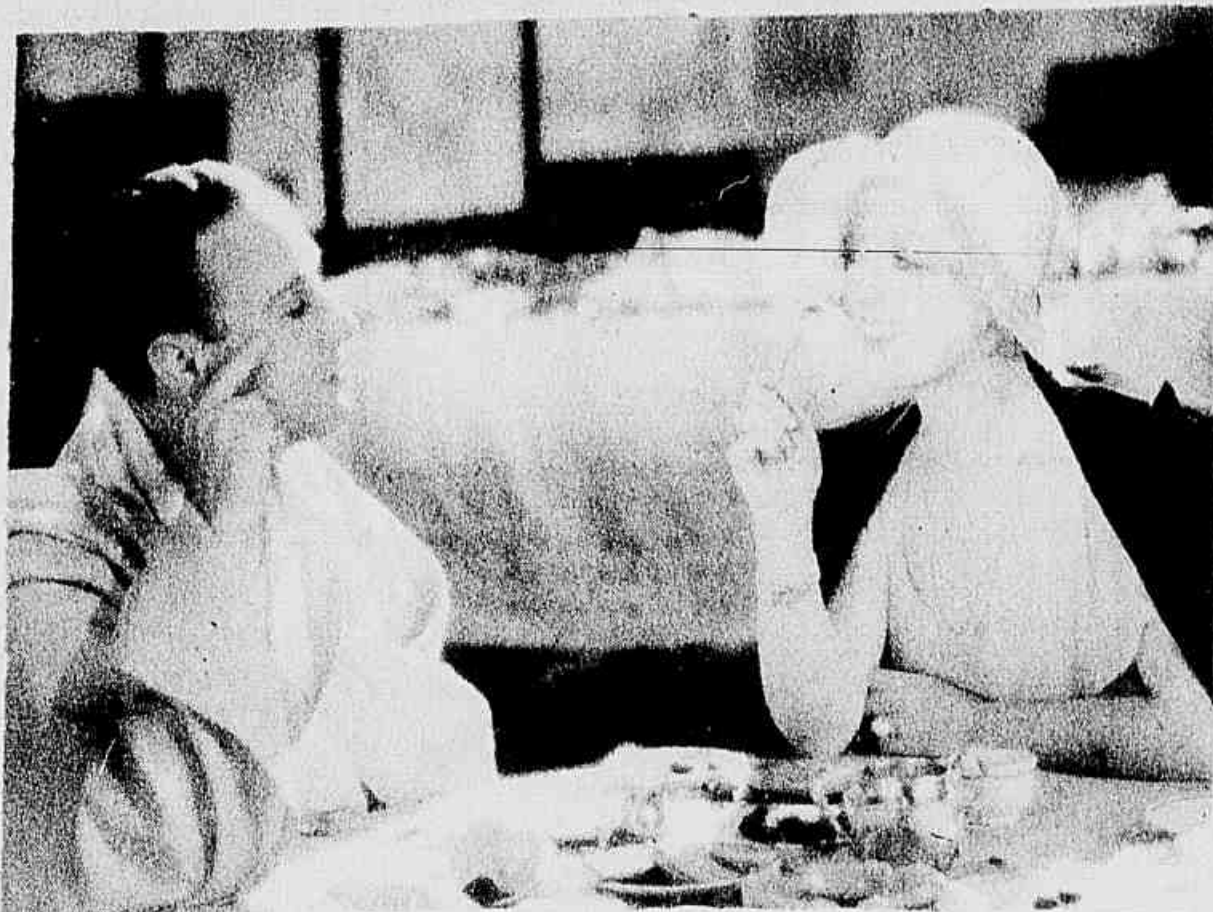
A censurar apenas ha a escolha de Leslie Howard para galã, ainda que elle represente perfeitamente bem e esteja razoavel.

Fóra isso, o Film é esplendido. Agrada sob qualquer aspecto. E' dramatico com situações intensas (a da morte de Kent Douglass, por exemplo). E' deliciosamente romantico (a sequencia de Leslie Howard trabalhando e Marion espreitando-o). E' ironico nas observações de menor detalhe que a "camera" photographa com rara felicidade, aliás. E' principalmente quente, o que é 70 % para uma platéa latina. E. notem. Robert Z. Leonard arrancou sensualismo e malicia com typos como Marion Davies e Leslie Howard! E' um caso de direcção, portanto. Mas o facto é que Marion Davies está irresistivel, fascinante, cheia de um "it" que poucas vezes se viu assim intenso.

Irene Rich é uma esplendida tinta e tem algumas sequencias muito suas. Richard Bennett tem um grande trabalho. Melhor dirigido e maquilhado do que em "Comprada", está bom. Kent Douglass começa desagradando, mas acaba conseguindo estima e admiração (como na scena da bebedeira, por exemplo). Mary Duncan pouco faz. Lee Beranger, George Irving, Arthur Houssman, Halliwell Hobbes, Charles Giblyn, Henry Armetta, Ruth Selwyn e Theodore Von Eltz, completam o elenco. Vejam o Film, sem duvida, mas não façam empenho em levar os pequenos. Ha muita cousa, no Film, que, depois, póde provocar uma pergunta embaraçosa, em casa..

Cotação: — MUITO BOM.

O MILLIONARIO (The Millionaire) — (Programma Fisrt National).

George Arliss é um cavalheiro que lembra logo uma estante de livros scientificos: — mofados, carunchados, cheios de teia de aranha... Têm-se a impressão de que elle cheira naphtalina! E' o typo da "casaca do tio Joaquim" que elle não usa desde a noite do casamento... Por isso é que elle não é de Cinema, apesar de trabalhar em Films. Aquellas temporas apertadas, de ossos saltados. Aquellas narinas cavallares. Aquella bocca insoffreavelmente atirada para a frente. Aquelle todo mirrado. Não são, positivamente, photogenicos e nem Cinematographicos. Todo mundo nota isso e apesar delle ser um dos maiores vultos theatraes da Inglaterra e do mundo, tambem, não agrada. Sinceramente falando, ninguem affirmará que gosta de George Arliss. Não poderá dizer isso!

John G. Adolfi, o director do Film, Cinetographicamente falando, é uma nullidade. Até hoje fez Films de linha e pouco além do mediocre tem andado. Dirigiria perfeitamente uma producção de "Rin-Tin-Tin" ou movimentaria a contento um Film de Monte Blue, na antiga Warner. Mas jamais foi elemento "braço direito" diante dos "fans" que conhecem o bom Cinema.

Pois "O Millionario" é "estrellado" por George Arliss, dirigido por John G. Adolfi e é um esplendido Film! Eis a nossa surpresa. Fomos desconfiados. Incertos. Medrosos. Sahimos satisfeito. Contente. Bem disposto. Tinhamos visto um bom Film, sob qualquer aspecto. Suspeitamos que a causa disso, apesar dos dois ingredientes acima, seja a historia de Earl Derr Biggers, "Indle Hands", que não é de theatro e o scenario de Julian Josephson que é um conhecedor do officio. A photographia de James Van Trees é que soffre de uma vulgaridade absoluta. Mas mais attribuimos isto ao descaso da direcção, neste particular, do que ao proprio operador, que, aliás, é bom.

Pois George Arliss, em "O Millionario", tem um papel, excellente e se bem que a gente desejasse um outro elemento naquelle desempenho, George convence e dá aos "fans" um trabalho bom. Elle, aliás, domina o Film todo e fal-o inteiramente seu. O que mais nos admiramos é da direcção de John G. Adolfi, cem furos acima de qualquer trabalho anterior seu. Uma mudança quasi inexplicavel.

A historia do velho millionario que passa por um pobre lutador para se esquecer da molestia e acaba, ainda por cima, dando uma lição a um concurrente desleal, não deixando de realizar a felicidade do seu joven socio e da sua filha querida, é interessante e cheia das situações que o publico quer. Entrecho sem malicia alguma, bem urdido e cheio de interesse. Um espectaculo realmente digno de se ver.

Evalyn Knapp é uma boquinha differente cheia de dentes lindos, um córte de labios original e absolutamente beijavel. Ella triumphará, com certeza e tem dotes physicos de sobra para isso. David Manners é o galã e não chega a aborrecer. Tem bons momentos, mesmo. Florence Arliss, esposa de George, tem o papel de sua esposa e está bem. Noah Beery e Tully Marshall pouco fazem. J. Farrell Mac Donald, idem. Bramwell Fletcher, James Cagney, Ivan Simpson, J. C. Nugent e Sam Hardy figuram.

Ha sequencias boas, quasi todas comicas ou sentimentaes. Mas de uma comicidade fina e agradavel. Bons dialogos para os que entenderem. A sequencia em que George Arliss se despede do escriptorio é boa e tocante. Toda silenciosa, fazendo saudades dos bons tempos, accompanhada por uma esplendida musica. Outra neste genero é aquella em que George Arliss approxima-se da esposa quando ella está ao piano, zangada com elle, por causa daquelle beijo furtado no posto de gazolina. São momentos que recommendam o Film.

Cotação: — BOM.

CRIME A HORA CERTA (Murder by the Clock) — Film da Paramount. — Producção de 1931.

Mr. Schulberg, director de producção da Paramount, assistiu "Dracula" ou "Meia Noite em Ponto", com certeza. Telephonou a Edward Sloman, que tinha vindo da Universal e perguntou, naturalmente: — E você quer desacatar o Carl Laemmle Jr.?"... Sloman possivelmente disse que sim. Mr. Schulberg comprou um argumento tenebroso. Deu-o a um scenarista macabro. Escolheu um operador sinistro. Arranjou um elenco soturno. Sloman fez "Crime a Hora Certa". E, sob certos aspectos, desacatou realmente "Meia Noite em Ponto", que é mais ou menos o mesmo genero. Não chega a "Dracula". Mas é realmente um espectaculo de "grand guignol", principalmente quando começa a uivar a buzina daquelle tumulo dos Endicotts...

Duas cousas principaes tem o Film para aquelles que apreciam o genero: — mysterio exposto e apenas uma interrogação: — como prenderá William Boyd a Lilyan Tashman?... A outra é a photographia admiravel de Karl Stuss, que tem qualidades invejaveis. Fala!

Lilyan Tashman tem o papel mais mau de sua carreira. Mas está mais fascinante do que nunca e tentadôra, de enlouquecer! A sua scena na prisão, com Irving Pichel, seduzindo-o, é electrizante e morbida. Ella é a originadôra de todos os crimes e usa uma só arma: — seu corpo, accionado pelo seu cerebro de criminosa nata. Ella domina o Film todo. E' um dos seus melhores papeis e está realmente bem. Mas a gente fica sem querer com pena de Edmund Lowe.

Irving Pichel compõe um excellente typo de idiota. William Boyd é um sargento de policia convicto do seu dever. Regis Toomey, bom e com o elemento comico a seu cargo auxiliado por Sally O'Neil que figura num pequeno papel. Blanche Friderici, Walter Mc Grail, Lester Vail e Martha Mattox figuram. Os admiradores do genero não devem perder.

Da historia inverosimil mas curiosa de Rufus King. Scenario de Charles Beahan. Continuidade de Henry Myers. Edward Sloman dirigiu a contento. Cuidou bem de certos angulos e dei acção intensa ao Film, como naquella sequencia em que Lester Vail preparase para assassinar Walter Mc Grail com a adaga. A buzina do tumulo, repetimos, arrepiará os cabellos de muita gente boa no Cinema... Tambem aquelle "close up" de Lilyan Tashman quando Irving Pichel estrangula Lester Vail...

Cotação: — BOM.

A desconhecida Hollywood que eu conheço

(F I M)

tolo elle era, a principio, que não é pr'a admirar os papeis de encanador e leiteiro que logo lhe foram dando... Ninguem fez fé nelle. Um dia, por não ser possivel encontrar outro, deram-lhe um papel, logo o principal, em **Mocidade Sportiva**. Foi a grande opportunidade que lhe deu o restante do successo.

William Haines, sem duvida, é a criatura mais amollante que já conheci. E' um esplendido rapaz, sem duvida, mas a sua mania de cacetear os outros é tão intensa que o torna intoleravel, ás vezes. Elle é tão fraco, com as "piadas", quanto Peggy Hopkins Joyce com os casamentos...

Uma occasião eu levei uma pessoa respeitavel da nossa imprensa para visitar o seu **set**. Essa jornalista, diga-se vinha de Washington e não conhecia quasi ninguem em Films ou Cinema.

Perguntou ella a Billy se tinha algumas novidades exclusivas para ella.

— Sim, tenho...

Respondeu elle.

— Dou-lhe a noticia absolutamente inédita do meu noivado. Caso-me, a semana vindoura, com Polly Moran.

Elle esperou que ella se risse. Mas ella não se riu. Não conhecia Polly Moran e levou a noticia a serio.

— Está esplendido!

Disse ella.

— Agora conte-me mais detalhes dessa auspiciosa noticia!

Era a sôpa no mel, para elle. Olhando-nos com olhares, a Anita Page e a mim que estavamos presentes, que quasi nos faziam rir, proseguiu.

— Polly Moran descende da antiga Virginia Moran. Era um povo do sul especialistas em caçadas de rapozas!

A jornalista tomava suas notas animada e com enthusiasmo.

— Não estando aqui seu pae, officiará Louis B. Mayer e nós nos casaremos na maior igreja da localidade. Polly usará laços de duqueza, presente de sua bisavó. Todos os Morans usaram esses laços nos seus casamentos. Nosso casamento será solemnisado sob os poeticos lilazes...

— Muito agradecida!

Disse-lhe a reporter.

— Porei incontinete esta historia no meu jornal.

Viramo-nos para deixar o lot. Bill chamou-me a parte.

— Escute aqui, Katherine! Se você lhe contar a verdade eu ponho vidro moido no seu café! Esta é a maior piada do mundo! Se você contar eu a estrangulo, entendeu?...

Fiquei entre o temor e o dever. Se Billy descobrisse que eu lhe tinha contado a verdade, dahi para diante minha vida não teria mais socego, porque elle tomaria conta de mim para o restante della... Se a historia sahisse, além do Studio achar ruim, acabaria perdendo toda a publicidade naquelle importante jornal, porque a pilheria não deixaria de irritar a tal jornalista

Tive, afinal, uma bella idéa.

— Polly Moran trabalha aqui neste palco. Quer tambem conhecer alguns detalhes della?

Entramos.

— Polly! Polly! Agora é sua scena. Prepare-se.

Quando ella entrou, a jornalista mudou de aspecto. Sahiu meio zangada, mas a patria estava salva...

Tempos depois, vendo que a historia não sahia, Billy accusou-me de ter sido delatora. Eu me defendi.

— Palavra, Bill, nada disse. O que aconteceu, naquelle dia, foi que ella viu Polly Moran..

■ ■ ■

Hollywood é uma Cidade exquisita. Estas historias que estou escrevendo, naturalmente já têm mostrado muito disso que affirmo. A cousa mais simples que vi em Hollywood, foi Jesus Christo sentado num assento de bicycleta... Sim, H. B. Warner, quando fazia o papel de Christo, em **O Rei dos Reis**, na scena final, precisava ser suspenso com a cruz. O problema era como conseguir isso sem o magôar, physicamente. Alguem teve uma idéa approveitavel. Atarracharam á cruz um assento de bicycleta e com pés e mãos suppostamente cravados á cruz, Warner, dessa forma, podia ficar socegadamente sentado naquelle afinal comodo assento, sem se machucar e sem apparecer cousa que se notasse no Film. Isto é positivamente phantastico! Mas ninguem deve outras cousas esperar da phantastica Hollywood...

O meu proximo artigo, será sobre o peccado de Hollywood e eu quero ser tão franca e tão sincera, nelle, como tenho sido nos outros. Entre outros casos, quero contar a verdadeira historia da entrada de Renée Adorée para o sanatorio do Arizona...

POLA NEGRI

rinhos dos homens mais desejado do mundo, do homem que todas as mulheres quizeram. E o quiz com paixão.

Iam casar-se, talvez.

A operação de Valentino separou-a delle por alguns dias. Marcaram um encontro em New York, onde ella passaria toda a convalescença delle.

Na noite da despedida, naturalmente contaram os ultimos segredos da alma e da carne. Eram raças ardentes que se encontravam. Almas gemeas que se queriam. Valentino encontrava a mulher para a sua alma e o seu ardor. Ella, o homem que sempre sonhara para o romance e a paixão. Tornaram-se um só ser na fuzão perfeita daquelles temperamentos e daquellas almas.

— Manda que me telegraphem assim que sejas operado, querido!

Um beijo e a resposta.

— Sim...

Ella foi á estação. O branco do lenço delle, agitando-se na curva ao longe, fere até hoje a retina pura dos seus olhos...

Veiu o telegramma.

— Venha urgente. Valentino muito mal.

E a assignatura de um cavalheiro qualquer.

Quando ella chegou, encontrou-o morto.

Alguem diz que ella pediu para ficar só com elle alguns segundos. Ficou. Ninguem sabe o que ali aconteceu.

Aconteceu, naturalmente, aquillo que um coração slavo estraçalhado poderia fazer diante da imagem hirta, para sempre, do seu amante fiel e muito querido.

Chegou-se a elle, provavelmente e possivel é que lhe tenha falado, baixinho, ao ouvido...

— Meu bem... Tens coragem de ir para tão longe e me deixar aqui?... Tens coragem de partir sem fazer meus labios vibrarem ao calor de mais um dos teus adoraveis beijos?... Deixas-me?... Não creio!... Por que acreditar? Querido! Responde. Diz, ao menos: — "meu bem!". Eu gostava tanto de ouvir você dizer na sua lingua tão bonita e maviosa: — "mia piccina, io ti voglio tanto, amore mio!"...

E um ultimo beijo ella deixou sobre aquelles labios frios. Nem os olhos lhe poude ver, aquelles olhos negros como a noite...

Dahi para diante, Pola Negri jámais foi Pola Negri. O soffrimento daquella morte anniquilou-a. Representou automaticamente seus ultimos papeis. Quando o contracto terminou, magra, vencida de paixão, soffrendo aquella ausencia insupportavel do amante morto, partiu para a Patria. Não teve forças para ficar ao lado do tumulo delle. Perto dos logares onde tinham vivido scenas que a natureza sem duvida abençoou pela sua belleza e sinceridade.

Annos na Europa fizeram-lhe bem.

Recuperou a confiança em si propria.

Tornou-se "passado" o irremediavel daquella separação.

Transformou-se em saudade, profunda, mas supportavel e meiga, aquelle soffrimento tantalizante dos primeiros dias de luto e dôr...

Um contracto chamou-a novamente á America do Norte.

(Continúa no proximo numero)

Lagrimas de Grace Cunard

(Couclusão do numero passado)

Quando matei Eddie Polo — um meu companheiro de series — Mr. Laemmle tornou a subir meus vencimentos para 750 semanaes.

Eddie Polo conhecia-me de pequena, quando eu ainda era uma simples garotinha. Viéra para Universal City antes de mim e fez varias pontas, caracterisado, cousas que muito se assemelhavam aos trabalhos de Lon Chaney. Encontramo-nos e para a serie que estava escripta havia, para elle, um papel de homem macaco.

Eddie foi além de minhas espectativas. O seu primeiro episodio foi um real successo. A sua maquillagem assemelhava-se realmente a de um authentico macaco. O seu trabalho e seu rosto approvaram. Na serie seguinte dei-lhe um papel forte, de real importancia. Esteve maravilhoso nos primeiros seis ou sete episodios. Depois Eddie começou a receber cartas de **fans**. Encheram-lhe a cabeça. O que elle fez, antes de mais nada, foi levar as suas cartas a Mr. Laemmle e pedir um augmento de salario. Ganhava, então, 75 dollars por semana. Queria 150. Ameaçou abandonar o logar.

E' logico que elle tinha posto Carl Laemmle numa parede sem sahida. Seria ruinoso para o productor parar o Film, onde estava. Conseguiu elle o dinheiro que pediu, assim. Mas "tio" Carl, dahi para diante, tomou-se de uma tremenda antipathia por elle.

O segundo máu passo de Eddie foi apparecer numa locação usando uma maquillagem toda decente, alinhada. Declarou que o publico deplorava a sua cara feia e parecida com macaco e que elle iria fazer o que seu publico queria. Queriam que elle fosse o que elle era, um moço bonito... Daquelle instante para diante, Eddie declarou que elle iria ser um novo especimen de homem-macaco... Um macaco alinhado, em summa!

Precisei matal-o incontinenti...

Escrevi uma scena nova. Uma luta por minha causa, na qual eu era capturada. Eddie, na sua nova caracterisação, salvava-me, mas desmaiava em seguida ao salvamento.

— Quando eu voltar a mim.

Disse-lhe:

— Levantarei do solo onde você me largou. Mas você fica deitado. Você continúa inconsciente. E' logico que você conservará seus olhos fechados. Eu chamarei você e, vendo que você não volta, correrei em busca de soccorro. E você ficará firme até que eu volte...

Fizemos a scena como eu a dirigira. Quando eu me levantei, Eddie fez o papel de desmaiado tão bem que parecia realmente morto... Suppostamente eu mostrei consternação por elle e apenas para mostrar opportunidade de arranjar um pouco d'agua, ali. O que eu fiz, no emtanto, muito baixinho para que elle não ouvisse, foi chorar a valer e dar a impressão exacta de que elle tinha morrido.

O que a camera mostrou, foi elle morto e eu chorando-o. Quando iamos continuar, eu disse a Eddie que elle podia ir para casa. Elle estava morto e não appareceria mais na serie e, pelo que me dizia respeito, podia morrer para o resto da vida, se quizesse.

Foi esse o fim de Eddie Polo. E por isso nós aqui achamos que o "Rolleaux" desapparecia sem mais nem menos do Film...

Tivemos que fazer quasi a mesma cousa com Arnold Daly que teve o principal, papel numa das series de Craig Kenndy. Mr. Daly era um grande artista, mas temperamental ao extremo. E nós não podiamos perder tempo com cavalheiros temperamentaes. Nós apenas tinhamos tempo para trabalhar. Decidimos, então, pôr Mr. Daly com uma mascara, numa determinada scena. O que nós realmente fizemos, no emtanto, foi re-escrever os ultimos episodios e Mr. Daly não apparecia mais, porque a mascara justificava qualquer outro fazer o final por elle. Fizemos apenas o idyllio final, com elle onde apparecia nitidamente e fazendo-o pensar que fosse ainda muito antes do fim. Depois dessa scena, despedilmol-o e puzemos outro **extra** fazendo o seu **papel**, mascarado pelos restantes episodios.

Isto tambem fazia parte da "representação", naquellas épocas!

As platéas de Cinema gostavam de mim. Deviam gostar de mim, realmente, porque eu sómente pensava em augmentos de salarios quando os meus salarios eram espontaneamente augmentados. Não tinha tempo, além disso, para gastar dinheiro. Não tinhamos secretárias, naquelles tempos... Não tinhamos festas deslumbrantes, porque não tinhamos tempo para as mesmas. Era trabalho de dia e noite. Os Cinemas pediam series com Grace Cunard e Grace Cunard precisava fazel-as O mesmo se dava com Pearl White, Florence Lawrence, e, tambem, Kathlyn Williams.

Todos os mezes eu guardava centenas de "dollars" de economias forçadas, por não ter tempo de gastar dinheiro.

E casei-me com Joe Moore.

Amei Joe. Todo meu amor eu dei a elle. E eu tinha o coração cheio de muito amor, sinceramente. Elle me amava, tambem. Como os Moore amam! Romance glorioso, absorvente, apaixonado. Vehemencia, ardor!

Mas como uma cousa que jámais aconteceu ás series de Grace Cunard, findaram mal.

Joe foi para a guerra e eu para o Hospital Samaritano. Não tinha quebrado ossos, mas outras cousas que lá me prenderam seis mezes. Quando eu me senti de novo bem, tive a noticia que, dos 800.000 "dollars" que eu tinha, quasi tudo estava perdido em máus negocios que eu e Joe andamos fazendo. Não perdi tudo. Mas a maior parte.

Quizeram que eu voltasse aos Films. Os **fans** foram bons e carinhosos para com minha convalescença. Minhas cartas não diminuiram, mas augmentaram. Ainda as tenho, todas. São a minha recordação.

Eu voltei aos Studios. Os Films em serie tinham cahido, mas ainda havia muito para Grace Cunard fazer. Mas Joe voltou da guerra e encheu meu lar, novamente...

Elle sempre foi meu marido e meu primeiro grande e real romance. Um dia elle se suicidou em minha casa, enforcando-se. Por annos, depois disso, jámais quiz ver Films e nem apparecer em Studios. O golpe foi fundo demais. Mesmo para bons amigos eu não appareci mais.

Quando chegaram os Films falados, quizeram-me para figurar em **Blake of Scotland Yard.** Persuadiram-me a voltar. Fiz a tolice de voltar e... numa serie. Ninguem pensa em mim sem pensar em series. Foi o meu erro ter voltado nesse genero. Quero, hoje, que me tomem como sou e não se lembrem mais desses tempos. Quando o publico comprehender esse meu anceio eu voltarei, satisfeita, em papeis caricatos que eu tanto amo, hoje.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.º 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood,
GILBERTO SOUTO.

Thelma Todd

MARY ANN

(Continuação)

E foi assim que o animalzinho encontrou seu logar, ao sol, dando, com isso, um pouco mais de felicidade ao pobre coração simples e meigo da orphã carinhosa.

Temos depois, impellido pela melodia que cantava, pela noite que estava coalhada de estrellas, pela felicidade que o circumdava, John poz, sobre a face de Mary Ann, um beijo. Mary Ann, aquella noite recolheu-se com o coração transbordando de felicidade. Ha muito que ella amava John, se bem que nem a si propria quizesse contar aquelle absurdo... Mas elle a beijára! E no dia seguinte, todo, ella não esqueceu aquelle beijo, estivesse fazendo o serviço que estivesse!

(Continúa no proximo numero)

UMA ALMA LIVRE

(Continuação)

Jan desmaiou. Era demais para menos de vinte e quatro horas de soffrimento. Dwight carregou-a comsigo.

✣ ✣ ✣

Emquanto a familia de Ashe soffria o golpe rude daquella perda, Dwight raciocinava. O grande amor que sentia por Jan e a humilhação profunda pela qual ella passava, naquelle instante, faziam-no sentir que o que acontecera com Ace não importava para o seu sentimento. Apesar de tudo elle continuava amando com intensidade aquella pequena que sempre fôra o ardor todo da sua vida.

(Continúa no proximo numero)

A PRIMEIRA DE "DELICIOUS" EM HOLLYWOOD...

(Continuação)

(Esta carta trazia uma moedinha de 25 centavos para pagar a photographia de volta...) A moeda está guardada como mascotte!

Esta outra vem de Maine — "Você, agora é um dos meus preferidos. O seu desempenho ao lado de Janet me encheu de admiração! Brooklyn — "Você foi um russo de facto! Gostei immenso da ua "performance!"... Ivan Hasslocher, o filhinho do nosso Paulo Hasslocher, tambem escreve: "Fiquei orgulhoso por ver um patricio meu representando tão bem... "De Toronto —" Se tivesse de perder Delicious, agora que o conheço, sentiria immenso..."

(Continúa no proximo numero)

Susan Lenox

(Continuação)

Mas eu sei que elles devoram a recordação sua da minha lembrança e é por isso que eu soffro tudo isso, satisfeito!!!!

Deixou o quarto, exausto e agoniado. Ella ficou olhando com profundo amor e intensa amargura...

✣ ✣ ✣

Na manhã seguinte ella foi para o porto. Ia em companhia de Robert Lane. Talvez elle a fizesse feliz.

(Continúa no proximo numero)

Os Novos Volumes da
Collecção PARA TODOS
Rafael Sabatini (O Dumas moderno) A VOLTA DO CAPITÃO BLOOD
Edgar Wallace - O LEÃO DA BOLSA
" " - UM PERFIL NA SOMBRA
Elinor Glyn - MACHO E FEMEA
E. M. Hull - O FILHO DO SHEIK
P. C. Wren - BEAU SABREUR
A melhor serie de romances, dos mais interessantes autores do mundo.
AMOR...
MYSTERIO...
5$ Brochura
Encadernado 7$
HISTORIA...
AVENTURA...
A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
RAFAEL SABATINI
A Volta do Capitão Blood
P. C. WREN
BEAU SABREUR
O FILHO DO SHEIK
E. M. HULL
EDGAR WALLACE
Leão da Bolsa
EDGAR WALLACE
Um Perfil na Sombra
MACHO E FEMEA
ELINOR GLYN
VOLUMES JA PUBLICADOS:
RAFAEL SABATINI (O Dumas moderno) O Principe Romantico
Scaramouche
O Gavião do Mar
O Capitão Blood
BARONEZA ORCZY O Pimpinella Escarlate
Novas Aventuras do Pimpinella Escarlate
A Victoria do Pimpinella
Eu me vingarei
O Tyranno
Eldorado
EDGAR WALLACE O Homem de Marrocos
O Commandante de Almas
O Milhão Perdido
O Gabinete No. 13
E. M. HULL O Sheik
E. BARRINGTON A Divina Dama
P. C. WREN Beau Geste
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26 e 28 — CAIXA POSTAL, 2734 — SÃO PAULO

Gloria Swanson, de 1916 a 1932

(Continuação do numero passado)

25 de Setembro de 1929 — Gloria, que, descobriram, tem linda voz, de volta a New York. Cantará no radio.

3 de Novembro de 1929 — uma differente Gloria Swanson será vista em **Tudo pelo Amor**. Embarca para a California. Affirma que não póde morar em New York. Não gosta do radio e prefere estar deante dos olhos do publico do que deante dos ouvidos.

4 de Fevereiro de 1930 — O Marquis é muito visto, em Paris, em companhia de Constance Bennett. Affirmam que estão "apenas" conferenciando sobre um novo contracto della com a Pathé, da qual elle é representante europeu. Gloria, em Hollywood, nega mais uma vez rumores de divorcio.

31 de Julho de 1930 — O Marquis chega a New York depois de quasi dois annos de ausencia. Não sabe onde se acha a esposa e affirma aos jornalistas que não tenciona vel-a.

1 de Agosto de 1930 — Marquis chega a Hollywood para arranjar seus negocios matrimoniaes. Encontra-se no trem com Constance Bennett...

6 de Agosto de 1930 — Gloria e o marido decidem v i v e r separados, para sempre. Ella ficará em casa e ella num hotel.

17 de Outubro de 1930 — O Marquis supervisionará todas as versões francezas da Pathé.

22 de Outubro de 1930 — Gloria enceta processo de divorcio, allegando abandono do lar.

7 de Novembro de 1930 — Gloria divorcia-se.

6 de Maio de 1931 — Gloria discute e briga com Samuel Goldwyn. Faz viagem subita para New York. Samuel Goldwyn diz que ella não tem gosto para se vestir e terá que acceitar os modelos Chanel. Sustem-se a producção de **Rockabye** e Gloria Swanson segue para Paris.

15 de Agosto de 1931 — Gloria admitte que se tornou noiva de Michael Farmer joven irlandez rico. Diziam que elle andava antigamente interessado em Marilyn Miller.

21 de Agosto de 1931 — Gloria e Michael chegam a Hollywood. Negam noivado e tudo mais. Dizem que são bons amigos do Marquis e de Constance Bennett. Tomam chá juntos. um dia.

19 de Setembro de 1931 — Rumores de que Gloria e Michael se casaram, secretamente.

10 de Outubro de 1931 — Gloria Swanson declara que se quer casar, realmente, "para ter mais creanças".

6 de Novembro de 1931 — Descobre-se o casamento secreto della e Michael Farmer, feito pelo juiz John Murray.

7 de Novembro de 1931 — Gloria consegue o divorcio integral do Marquis.

9 de Novembro de 1931 — Gloria e Michel tornam a se casar em Yuma, Arizoma, por ter sido o anterior casamento annullado, já que não estava ella ainda divorciada do Marquis, devidamente.

11 de Novembro de 1931 — Marquis pede copia do seu certificado de divorcio.

22 de Novembro de 1931 — Marquis casa-se com Constance Bennett, quasi que ao mesmo tempo que Gloria Swanson. **Tonight or Never, de Gloria**, faz enorme successo.

5 de Dezembro de 1931 — Gloria e o marido chegam a New York, pela manhã, embarcando á tarde para a Europa, em viagem de nupcias...

MOTIVOS PARA DIVORCIOS...

(FIM)

Lois Wilson, solteirona campeã de Hollywood, naturalmente porque sabe que Hollywood tem maridos muito bons... acha: —

— Tubos abertos ou toalhas esquecidas, não me importam. Acho que a cousa que eu não supportaria seria meu marido chegar fóra de horas. Com isto eu pediria meu divorcio.

Mary Briand acha que não toleraria seu marido bebendo, fosse a especie de bebida que fosse, ainda que a mais fina.

— Apenas agua. Ou o divorcio...

Mary Dressler, que ainda tem esperanças de se casar, acha, sobre este assumpto o seguinte.

— Se meu marido — e eu pretendo arranjal-o logo logo! — começar a descascar amendoins em casa, está perdido! Sahe pela janella e ainda leva com um divorcio pelas costas... (Ou cousa mais pesada — o banquinho do piano, por exemplo...)

Madge Evans pediria divorcio do marido que lhe quizesse encher a casa com muitos moveis desnecessarios.

Lily Damita acha que supportaria tudo. Menos a infidelidade.

E Lina Basquette, a ultima com a qual falámos, tambem crê que se o marido chegasse fóra de horas seria capaz de o matar, a menos que reflectisse e achasse mais hygienico pedir um novo divorcio...

Eis os motivos de Hollywood, para divorcios **rapidos e apromptados** em horas..

Neil Hamilton
Joan e Crawford
CINEARTE

TONICO PODEROSO
VINOVITA
VINHO DA VIDA
TONICO
VINOVITA
VINHO DA VIDA
RESTAURADOR DAS FORÇAS
PHYSICAS E MENTAES
DA' VIDA SANGUE
STIMULA o CEREBRO
DA' ENERGIA AOS MUSCULOS
HUGO MOLINARI & CIA. LTD.
RIO DE JANEIRO
Restaurador
das
forças
physicas
e mentaes